

Reduto Técnico

GES
PCP



Sumário

Mais um ano
XXVIII ano da Revolução
Política Nacional
Aspectos da vida da U.P.S.S.
Temas da nossa vida
Unidade Operária
Fascismo? Democracia?
Política de Part
Duas palavras
Campo da Morte
A nossa gente
Considerações
A 5ª Colónia na U.P.S.S.
Notas e comentários do mês

Novembro 45

MAIS UM NO

GES
PCP

Com este número completa
o nosso Reduto Teórico dois anos de
existência.

Da brilhante ideia sugerida por J. de S.
logo perfeitada por todos os camaradas, alguns
dos quais já se encontram, há bastante tempo em liber-
dade, no nosso pequeno colectivo, com o entusiasmo de to-
dos, com a colaboração de um pequeno grupo e a dedicação do
nosso copista e do nosso desenhador, manter esta pequena pu-
blicação que fica a perpetuar dois anos da nossa vida e debili-
ca e colectiva.

Assim, o nosso pequeno grupo, nascido da crise política da
O.C.P., em 1941, tem tido grande parte da sua vida projectada nas
páginas do Reduto Teórico. Sem ele, as nossas ideias e a nossa vida
ficariam para sempre limitadas pela memória dos camaradas que
nos acompanharam durante este tempo.

Com ele - o Reduto Teórico - essas ideias projectar-se-ão
mais para além e os que mais tarde lerem as suas páginas senti-
rão a alegria pelo esforço que desenvolvemos e podemo-nos aproveitar
algo do que foi concebido!

Acusados de grupo anti-partido, o nosso Reduto Teórico, me-
lhor do que tudo daquilo que pudésemos amanhã declarar, ficará
como um corho vitorioso das ideias por nós defendidas, das posições políti-
cas por nós assumidas que mais se adequam às concepções ideológi-
cas criadas pelos mestres do marxismo-leninismo e que os nossos me-
lhores camaradas defenderam.

Como exemplo, embora modesto, de persistência no trabalho
de perseverança nas ideias, nós podemos afirmar que a nossa revista
tem cumprido durante a sua existência com a missão que lhe a-
tribuímos - a de discussão dos nossos problemas políticos e a de
elevantar o nível ideológico dos nossos camaradas. Por todos os me-
ditos nós sentimo-nos satisfeitos pelo esforço dispendido e or-
gulhosos do passado do nosso Reduto Teórico!

E, neste número, que mercê de circunstâncias extra-
nhas à nossa vontade será o último da sua publicação nor-
mal regular, nós saudamos todos os camaradas que, como
nós, vivendo nas prisões, têm mantido sempre com o
seu esforço o nível teórico da revista que amamos
e damos.

Salvé II aniversário do
Reduto Teórico!



— XXVIII —

Ano da Revolução

Fis-nos chegados ao 8.º aniversário da Revolução Russa. Com vai longe já o momento em que Lênine, em 1922, disse: "A Comuna de Paris durou semanas, a Revolução Russa já tem cinco anos de existência, ela está vitoriosa, vingosa? Não obstante, nós sabemos que, naquela altura, a tarefa mais simples, embora mais dolorosa, estava realda. A U.R.S.S. acabava de sair da guerra civil, luta heroica e tenaz, em que milhares de seres deram o seu esforço e sacrifício para conservarem o que a Revolução havia dado - a terra dos camponeses e as fábricas aos operários. Com todas as dificuldades, com todos os martírios e inúmeros feridos que constituíram a luta do palmo a palmo de terra, a vitória, enfim, corriu a foz três anos de luta.

Trêm, com a vitória das armas uma tarefa mais grandiosa se ia erguer perante a classe que, pela primeira vez, na história, ia gerir os seus próprios destinos. Os camponeses tinham a terra, mas estavam empobrecidos, os campos estavam taballos e as aldeias destruídas. Os operários tinham as fábricas, mas estas estavam umas paralisadas ou arruinadas, outras des- truídas.

O proletariado russo achava-se senhor de enormes riquezas mas era mister aproveitá-las, administrá-las, desmontá-las.

Mas como? Que faria o velho aparelho de engenheiros e técnicos do velho regime? A procria classe operária russa, em virtude da guerra civil, achava-se diminuída; milhares dos melhores elementos haviam baqueado. Por outro lado, a burguesia internacional estabelecia, além de um cordão político sanitário a Oeste, a Este e a Sul, um sistema econômico obstrucionista na ajuda à jovem República.

As responsabilidades de Lênine e dos seus camaradas que haviam sobrevivido, aumentaram com a vitória. A tarefa simples embora difícil de vencer de armas na mão nos combates em campo bravo, sucedia-se uma outra tarefa, bem mais complicada, porque, além de dar e fazer de que o povo tanto carecia, era necessário reparar, simultaneamente, a maquinaria industrial, aproveitar o existente e fornecer à agricultura o que ela precisava para laborar a terra.

Além da paz que se havia obtido, era preciso dar agora o pão, e, mais ainda, ser preciso quebra o tnel econômico que estrangulava, ao volta do país, o povo russo. Esta tarefa teria de ser realizada em uma dupla frente: desenvolver a economia interna por uma política de auto-suficiência e ferçar directamente, com os países estrangeiros, a paz econômica. Então, mas progressivamente, a N.E.P., ideia da paz econômica, se ia desenvolvendo e lançando o lançamento das bases econômicas do socialismo - a elevação da produtividade, a electrificação do país e a colectivação da agricultura, e a sua mecanização.

Uma um larca ao tempo, pela se transformaria - dissera Lênine. Mas, além disso, esta era a base de uma concepção política que

mas tarde Stáline desmoneja e põe em prática a colectivização do campo. Paralelamente havia estabelecido a fórmula: ditadura do proletariado mais indústria pesada e electrificação igual a socialismo. Mas para atingir esta meta eram necessários técnicos. Por isso, só havia aqueles em quem, com flutuações, se não depositava confiança.

Era, enfim, um mundo novo a construir desde os caboucos.

Simultaneamente, enquanto se erguem as fábricas e se rasgam as entranhas da terra à procura do aço e do carvão, levantam-se escolas, que formarão técnicos, estabelecem-se planos e debatem-se ideias.

A Nêp toca o seu fim e a segunda etapa está vencida. O proletariado vai lançar-se livre das fúrias económicas do período de transição. Vai iniciar-se o terceiro período - o da construção do socialismo.

É o período intensivo do I Plano quinquenal, em que se lançam as bases da indústria pesada e das máquinas. Erguem-se centros industriais nos terrenos monótonos e montanhosos dos Urais. As cidades novas crescem como cogumelos e, próximo das aldeias, as chamini^{descom}s da indústria transformadora, que tomam por o seu completo desabrochar no II Plano.

Os inimigos cometem a armistiar-se e a ameaça de uma nova guerra avoluma-se a Oeste e a Leste. O governo soviético foca o eixo na indústria pesada e transformadora o III Plano quinquenal. O U. R. S. S. prepara-se febri^{descom}mente para a guerra que está inevitável. Esta estala em 1939 e abre-se, por assim dizer, o quarto período da vida do proletariado russo.

De novo os campos são talados e os centros fabris, esquivados com tanto trabalho e sacrifício, são destruídos. Verdadeiras joias de arquitectura industrial e cidadã se desmemoram. Dnieprostroi que, qual gigante, dominava as águas de caudaloso Dnieper, é destruído num es^{descom}truído sacrifício pelos homens de Dudiemy, para que as águas inundem as divisões contrariadas invasoras. E como Dnieprostroi centenas de cidades e milhares de aldeias são engolidas pela metralha e pelos incêndios. De Smolensk, somente um gigantesco montão de pedras e caliza testemunha que ali houve o maior centro ferroviário da U. R. S. S. Briansk, destruída na guerra civil e reconstruída de joelhos e suor, é um dos locais onde se travou a grande batalha por dois anos e que terminaria pela debandada das divisões da Wehrmacht.

Novembro 1945. Este é o ano da Vitória e será nele que uma nova etapa se abre. É o ano em que os nossos camaradas projectarão o quinto período - o da reconstrução. Vai a extraordinária importância deste aniversário. Este herido do não se irá realizar nas mesmas condições da Nêp. Internacionalmente o U. R. S. S., pelo seu longo labor de longos anos, pelo sacrifício de milhões dos seus homens e mulheres, pela genial condução dos seus dirigentes, em especial a de Stáline, que alcançou com fins o título de cabo de guerra, ganhou um lugar na grande comunidade dos povos. Nacionalmente, a distribuição de quadros técnicos e técnicos de mecânico ou montador até ao engenheiro. A confiança alargada no período de 1928-39, as novas indústrias e as suas grandes invenções, a conquista de e quasi total independência no período que vai se inicia.

A confiança do povo russo nos seus dirigentes e nos seus destinos mais se cimentou com os resultados obtidos depois dos sacrifícios feitos. A situação interna e externa da U. R. S. S. continua a ser uma forma de bon e richi caminios percorrida de há 27 anos até hoje e é ainda a garantia de que a etapa

POLÍTICA NACIONAL

GES
PCP

Em Maio do corrente ano, o presidente do Conselho, na exposição feita perante a Assembleia Nacional, referindo-se aos problemas da política interna portuguesa, relacionados com o sentido da vitória das Nações Unidas, enunciou os tópicos gerais do projecto de renovação constitucional e análise às futuras eleições.

"Não tenho - disse - ainda idéias assentes sobre elas, entendendo apenas que em qualquer caso a lei eleitoral deve ser modificada no sentido de maior maleabilidade do que a actual."

Temos razões para crer que a esse tempo não tivesse ainda nenhuma idécia definitiva a esse respeito, porquanto qualquer alteração a introduzir na lei eleitoral deveria estar subordinada a factores estranhos à sua vontade. Com efeito, o mundo, e particularmente a Europa, estava em vésperas de grandes acontecimentos políticos. Esperava-se que fossem tomadas decisões importantes na próxima reunião dos "3 grandes" e acreditava-se que elas estavam de algum modo relacionadas com os resultados das eleições inglesas, marcadas para Julho. Havia um ambiente de expectação geral; Churchill e Stile eram tidos como "prata da balança da orientação política, principalmente da ocidente europeu, e da vitória de um ou outro se quis fazer depender a estabilidade ou instabilidade dos governos anti-democráticos na península. Contra essa tendência de extremos se fez a devida propensão neste "Modesto" e os factos posteriores só vieram confirmar tudo quanto então dissemos.

A entrada da U.R.S.S. na guerra contra o Japão era também um factor a considerar na influência desse facto, cujos termos da ainda, na intervenção e solução dos variados problemas internacionais.

Concomitantemente, em S. Francisco elaborava-se a carta da futura Sociedade das Nações e a imprensa reaccionária mundial envenenava a opinião pública, dando um caracter e uma extensão que ultrapasava a verdade, ás nativas desinteligenças ali reunidas. E a entrada da Argentina no arcopago da California, por isso este expresso da União Soviética e das afecções, transformaria numa "relatante vitória" pela mesma imprensa, devido ter travido novas esperanças e acalorar ilusões aos fascistas portugueses.

Consta em conjunto de circunstâncias cuja linha evolutiva

está a ser analisada, para mais um escalão a ser alcançado com êxito.

Os avanços que todos nós temos feito na grande obra da U.R.S.S. têm sido inequivocamente satisfactorios. E, hoje, mais do que nunca, pela contribuição que o exército russo fez na conquista da paz, e na destruição dos fascistas e aguçados, nós saudamos a 1.ª de Maio de 1945.



era imprecisa, obrigava o presidente do governo a uma certa reserva e a aguardar os acontecimentos

Falando de eleições e num vago prometimento de uma maior maleabilidade eleitoral, tinha elle possivelmente em vista dois objectivos: observar o sentido das reacções internas e colocar-se numa posição que lhe desse a maior liberdade de movimentos em lhor pudessem fazer frente á opposição.

Já em Setembro de 44 elle conseguira vencer a crise que surgira no embate de duas tendências que se desenharam entre a massa conservadora: uma que considerava necessário e urgente preparar uma reforma que abrisse caminho para novas formas de governar, mais de harmonia com o espirito democratico dos mais os tempos; outra, que defendia os principios do nacionalismo proclama- do pela União Nacional e expressos na Constituição de 33. Foi esta tendência, a final, que saiu vencedora e que nos trouxe como expro- são pública o "Bombar da parva". Esta luta, que passou quasi despercebida do grande publico, caracterizou-se por uma violencia sorda, cuja agulha nos pode ser dada por esta ameaça: "Os offi- ciais do 18 de Abril" não estão dispostos a permitir que a Revolução Nacional seja prejudicada na sua marcha triumphal". E mais tarde, num tom que mal encobre a irritação, e como resposta a uma mensa- gem que lhe fora dirigida, convidando-o a entregar o governo aos ver- dadeiros democraticos, Salazar disse: "Não me é licito deixar cair no "nua" o poder".

Nas esta vitória da falange mais reaccionária da União Nacional, encabeçada pelo proprio presidente do conselho, foi momen- toso, ou, melhor dito, mais aparente do que real. Foi uma batalha ganha num momento dado e em circumstancias particulares, mas não decisiva sobre os seus adversarios. Estes, na larga frente em que a nação se cindiu, continuaram lutando com persistencia e de- modo e sem duvida, mais enteiros teriam já alcançado se a al- meçada unidade entre si fosse uma realidade.

Os alterações da Constituição, aprovadas pela Assembleia Nacional, não corresponderam ás desejos e esperanças da maioria do país, e o corroborar esta nossa affirmacção estão as declarações pu- blicas de alguns deputados.

Com duvida que a opposição não deixará de tirar partido deste facto. É curiosa registar, já que falamos nas alterações aprovadas, que elas patenteariam o firme propósito de governo, nessa altura, de manter o mais possível o "status quo" e que esta decisão, aliás anterior- mente manifestada, fosse tomada na previsão de que os aconteci- mentos internacionais viessem ao encontro dela favoravelmente. Esta- mos convencidos, apesar do pouco conhecimento que se está passando em Portugal, de que tal não succedeu. Esta illacão tiramos-la de al- guns factos occorridos posteriormente, e dentre dos mais o ultimo, em primeiro lugar, a victoria trabalhista. A despeito de que dissa a in- ferioridade da facção do governo, da interpretação capciososa que deu ao significado da victoria eleitoral, da solenidade dada a esse facto, e da grandeza do discurso de Beirão sobre politica interna, o certo é que, mal- tudo, essa mudanca de partido não trouxe vantagens para Salazar.

Recordemos as palavras do embaixador inglês, Sir Brown
O. Malley, quando em Agosto a presentou as suas Credençiais ao go-
verno português: "Neste momento histórico, disse - surtem em fatos
os corações novas esperanças de uma vida pacífica, fructifera e
feliz" e "eu tenho confiança em que Portugal saberá dar a sua con-
tribuição para a real solução moral e material do mundo..." "Pod-
mos esperar que as duas nações irão ao encontro da solução dos problemas
sociais que a nossa época herdou e de que nenhuma nação está livre?

Não será uma alusão clara ao desejo da Inglaterra a ver solucio-
nados "problemas herdados na nossa época", isto é, com o empenhamento
do fascismo? Não há nestas protocolares palavras uma certa formalogia
como a afirmação, tantas vezes feita aos povos de se não arritados todos os
governos de França, eu instaurar a fé na França? Como que sem o tra-
balhismo, pelas suas próprias concepções reformistas, é incapaz de im-
por modificações revolucionárias a certo grado, e tanto mais em fauces esta-
veis; mas isto não significa que não intervenha suavemente na políti-
tica da sua aliada, sem polindo-a para os seus humos, e a que nenhuma
nação está livre? A vitória eleitoral na Inglaterra, se por si, veio dar
novos alentos e quebrar muitas vacilações nos hostes liberais e anglofilos.
E se descessemos mais na observação dos fenômenos, não seria de fácil des-
cobrir certas relações entre o aparecimento do trabalhismo no nosso país
e as aspirações do trabalhismo inglês no campo internacional e sobre-
tudo nos países que gravitam na órbita da Inglaterra.

Em segundo lugar, as declarações de Lortcham, referentes
a Espanha, parecem a primeira vista nada terem que se relacio-
narem conosco. Assim não é, porém. A condenação do governo de Franco-
e pelos "3 grandes", frise-se - pelas relações com as instituições do Eixo,
pôs automaticamente num falso terreno toda a política de compadrio
firmada entre os dois ditadores e, conseqüentemente, deixou mal ferido o
bloco peninsular, gerado num momento em que o fascismo galgava de
condemnação no delicto comum de democracias, muito embora subsistissem
esse bloco pela necessidade de luta contra o comunismo, como manun-
tenção de uma zona de paz, como fulcro da civilização ocidental, e a poster-
ior de passivas surpresas trazidas pela guerra. (1)

Quando agora se proclama jurisicoramente a "neutralidade colaborante"
e nos "laços que nos frentem a secular aliada", usa-se uma linguagem bem diffe-
rente da usada poucos annos antes, na qual a amizade dos povos peninsula-
res era posta em primeiro plano, relegando, e quasi esquecendo, a tradicional al-
liança anglo-portuguesa. Há antipathias que empurram, quando esten-
damente se abrem...

Não será necessário, por agora, alongar-nos mais em consi-
derações justificativas da ilusão que talvez tivemos, quanto à inexacta pre-
visão dos acontecimentos, que muito deve ter contribuido para que a reforma
constitucional fosse mais aparente do que real.

(1) Na opinião do Cuchubal, o surto de Franco, filia-se no desejo comum da burguesia em
coitar que as ideias revolucionárias se instalassem na península, abrindo
as portas ao imperialismo alemão, que deste modo se desenharia de ombro
com as posições do moderalismo e da burocracia se no Norte da Africa, alterando o e-
quilíbrio político anterior.

Muito e não tudo, entenda-se; porque o factor determinante deve-se encontrar na decisão de dar continuidade à marcha da "Revolução", continuando todos os esforços - e outra coisa não se deduz dos elementos apólos à unidade nacional para que tudo siga "ontem como hoje, hoje como amanhã" - para ganhar tempo, ver que onde se pode ser, prolongar até onde for possível a batalha, na perspectiva de um milagre. Assim fez e faz o mesmo, lutando até ao derradeiro momento; assim fez, também o visinho do lado... A continuidade desta idéja, desta perseverança, é equivo-
tamente pregada com a publicação da lei que altera a lei eleitoral. Não se vislumbra nela o desejo de estabelecer os partidos, dar a oposição a ele-
mentar liberdade de movimentos. É ambigua em muitos casos, omisa em muitos outros, e dela - tal como a interpretação - se poderá sair uma falsa expressão popular, com qualquer hermenêutica com essa outra que caracteriza a verdadeira democracia.

Tal como sucedeu às alterações da Constituição, as modificações introduzidas na lei eleitoral estão muito longe de corresponderem aos desejos da grande maioria do povo português. O primeiro sintoma - e alto-
mente significativo - por nós verificado, foi o silêncio de uma grande parte da imprensa, pelo menos das grandes organ. publicadas a lei sem a mais leve referência lhe fazerem. E assim, se o governo a não viu aplaudida, também não consentiu que a criticassem; para isso existe a teoria da censura...

A publicação dessa lei foi precedida de uma vigorosa cam-
panha em todo o país, promovida pelos próprios ministros que a corri-
nharam e pela União Nacional que os apoiava. Procurava-se, sem
duvida, preparar o espírito da Nação, ludibriá-la de novo, esqui-
mindo-se com grandiosos projectos de reconstrução económica, gran-
des realizações no campo da assistência social, o equilibrio de con-
tas, o desajogo financeiro, enfim, impressionar, por todos os meios
ao seu alcance, a opinião pública, alar de acordo as obras do Está-
do Novo com sentenças comparativas do que há feito com o que havia
em 26, como se possível fosse aceitar de bom grado a idéja de que
Portugal noutras condições políticas, e em es anos, nada realizasse.

Este esforço não é totalmente inútil, sabemos-lo; mas os ar-
gumentos apresentados não são convincentes a ponto de converter os
que vivam neste longo período de "tárraxa" as suas frequenas
económicas desfeitas; menos ainda, os que não têm pão nem lar, nem
liberdade de se queixarem, e os que impellidos pela fome, pere-
grinaram pelo país, em busca de trabalho, e viram do lado de sua
vêa dolorosa os castêlos perseguidos, as igrejas restauradas, não deve-
rão de considerar em toda esta "grande obra", que é um insulto lan-
çado à sua miséria, um escarinho dirigido à sua dor...

Mas tudo nos leva a acreditar que a tentativa de palaverar
louvamimheiro é obra realizada a poder de ouro e a poder de lágrimas,
não conseguiu abafar o descontentamento nem acomodar os espíri-
tos à lei da nova reforma eleitoral, visto que, depois de recusada a
tinha imprensa, se operou uma certa evolução política em relação
cuja sentença, importância e consequência não em é de duvidar.

Do que concretamente sabemos é que foi publicada em ma-
ximistia, que promete ser longa e generosa, e que foi substituída por

vão concorrer às próximas eleições para deputados à Assembleia Nacional. Fala-se nos nomes de Norton de Matos, Domingos Pereira e Cunha Real, como figuras proeminentes da oposição. É pela razão óbvia de terem sido suprimidos a censura à imprensa e permitido o direito de reunião.

Mas não podemos tomar tudo isto no sentido lato das palavras, porquanto, a reflexar entusiasmos e a impôr nos comediante nas eleições, logo sabemos que a amnistia não abriu as portas a todos os presos políticos, se que a censura de novo voltou a submeter um jornal da oposição, por falta de "Civismo", isto é, por ter, decerto, usado uma linguagem demasiadamente expressiva...

Não, pois, limites determinados e para nós desconhecidos que nos impedem de alargar as nossas considerações sobre o futuro.

Qual será a posição particular de cada agrupamento político na hora presente? Não sabemos.

Qual será a atitude dos anarquistas e dos sindicalistas em o acto eleitoral?

Dici di-se-ão a votar, vencendo todas as suas relutâncias, por do de parte o classico principio do apoliticismo? Ignoramos.

Chegar-se-ia a um entendimento - aliás, que momentaneamente os vários sectores anti-fascistas para a disputa eleitoral?

Não sabemos.

Quais serão as garantias dadas à oposição, e as liberdades a ela concedidas? Também não sabemos!

Do valor da unidade, da fundamental importância de que ela se reveste, é desnecessário insistir, por muito termos falado sobre isto por mais lógica, por mais conforme a razão, que ela nos pareça, ainda há bem pouco tempo não estava realizada...

Quanto a liberdades e garantias, a influência que elas têm no êxito da campanha não é, também, necessário encarecer.

Igualmente ignoramos de que meios se serve a oposição para a sua propaganda eleitoral. A Emissora Nacional está, evidentemente, mobilizada pelo governo, e só pelo enroscado dos ministros, pela intensa agitação que desenvolvem por todos os lados, deduzimos que a oposição lhe jáca sentir activa e rapidamente.

Não obstante termos a impressão de que na batalha eleitoral, embora decorra com entusiasmo, o governo - ou se quiserem, a União Nacional - tem vantagens, já pela grande aparelhagem de que dispõe, já por que o recenseamento já se fez quando provavelmente ainda não estavam reunidos, por parte da oposição, as condições de liberdade política presentes e ainda de curto prazo de tempo que a oposição tem para se organizar devidamente, depois de tempos de ilegalidade.

Em todo o caso, a certeza se nos que foram abertas possibilidades de marcharmos contra uma limitação da liberdade pessoal, errada e prontamente aniquilada em 1934.

Do bom aproveitamento das posições conquistadas dependerá a decisiva batalha que as forças democráticas irão travar; a vitória só será possível e duradoura na base de uma forte aliança destas forças políticas e de uma só vontade da classe operaria.

Aguardamos, pois, com interesse, o desenrolar do acontecimento.

ASPECTOS DA VIDA DA URSS



Com o plano quinquenal, agora anunciado na imprensa, a U.R.S.S. vai iniciar um novo período da sua vida económica - o período de reconstrução. Este plano deverá ter por principal tarefa a reedificação com fletas de dezenas de cidades e de milhares de vilas e aldeias, a reconstrução dos grandes centros da região do Dnieper, da bacia do Donetz, do Volga inferior, da região de Leningrado e da Rússia Branca, sem falarmos nos centros petrolíferos do Cáucaso.

Pode considerar-se que o desenvolvimento económico da U.R.S.S. sofreu uma evolução de continuidade a partir de 1938, ano em que a U.R.S.S. fez desviar para a produção de guerra a maioria das suas grandes empresas. Por isso, ao darmos o balanço económico da U.R.S.S. só se poderá ter em conta a situação em que o país dos soviets se encontrava em 1937-38. O 3º plano quinquenal, que começava a ser realizado nesta altura e que se destinava a continuar o primeiro plano no sentido de desenvolver as bases económicas da indústria pesada, teve de ser, em virtude da situação internacional, transformado em grande parte. A União Soviética começava a encontrar-se isolada no plano internacional e, por consequência, condenada a contar exclusivamente com os seus próprios recursos contra a agressão que se avizinhava a Ocidente e a Oriente.

O notável desenvolvimento que, nos Urais, temos os centros siderúrgicos, e ritmo acelerado da produção de uma maior intensidade produtiva do trabalho em muitas das grandes empresas, um ritmo devido, em parte, pelas condições da guerra, em parte pela perda das bases económicas do Dnieper e do Donetz, indica-nos facilmente que, nos Urais, os centros siderúrgicos e novamente equipados os antigos centros industriais da Ucrânia, a produção industrial da U.R.S.S. atingiu em 5 anos um nível muito superior ao da época anterior à guerra a que nos referimos.

Os números relativos a esta situação económica

da U.R.S.S., em 1937, passaram a ser, de futuro, um ponto de referência para o desenvolvimento industrial soviético, a partir de 1945, como foram os números da produção de 1914 para todo o período que se estendeu de 1918 a 1938. Daí a sua importância e daí o aproveitarmos os elementos que Joseph Davies nos fornece, nos seus relatórios ao governo americano, para os inserirmos na nossa revista e, assim, darmos a conhecer a realidade das condições de nível económico e social atingido pela U.R.S.S. nas vésperas da grande conflagração.



GES
PCP

O primeiro Plano Quinquenal teve um bom início. Enormes fábricas foram projectadas; inteiras e novas cidades foram edificadas e aumentaram como cogumelos; grandes fábricas de automóveis em Moscovo e em Gorky; grandes oficinas de tratores em Karkov, em Kótov, em Stalinskgrado; fornos de aço no Don, fábricas de fertilizadores químicos nos Urais e enormes barragens foram construídas neste plano. Para cima de 90 cidades foram criadas e a indústria dos Urais foi quintuplicada.

Este foi o plano da indústria pesada. Depois, o segundo Plano não foi mais do que consolidar os primeiros passos e aumentar ainda mais os progressos realizados. Em 1924 o rendimento industrial era de 6.000.000.000 de rublos, enquanto que em 1937 ele é estimado em 85.000.000.000, isto é, 14 vezes mais. Do rendimento industrial actual, 75% proviém de novas empresas construídas desde 1917. A tonelagem de carga ferroviária passou de 55.000.000 de toneladas em 1924, para 323.300.000 de ton. em 1936. A tonelagem de carga fluvial aumentou de 7.000.000 de ton. para 59.000.000, no mesmo espaço de tempo.

Em 1936, 91% da área de sementeira era cultivada por meios mecanizados fornecidos pelas M.F.S. (Estações de máquinas e tratores).

Em 1936, na produção mundial, a U.R.S.S. ocupava o primeiro lugar na produção de máquinas combinadas de ceifeiras, debulhadoras e assucar de beterraba; o segundo lugar no total da produção industrial em máquinas de tratores, caminhões, ferro, ouro, etc.; o terceiro lugar em aço e superfosfatos; o quarto em carvão.

Na produção europeia, a União Soviética tem o primeiro lugar na construção de máquinas, ferramentas, manufatura de tratores e máquinas agrícolas, caminhões; produção de ouro, assucar de beterraba e de algodão. Ela ocupa o segundo lugar na produção de aço e o terceiro na de carvão. Ainda em relação à Europa, a U.R.S.S. ocupa o primeiro lugar na extração de óleos e turfa, fundição de cobre, produção de algodão e locomótiças e o segundo lugar na produção de energia eléctrica e manufatura de alumínio.

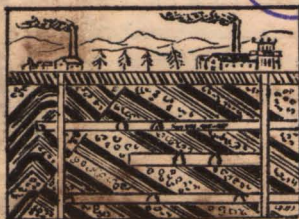
É muito impressionante o equipamento técnico e fixo utilizado nos seus usos, as previsões feitas por estudos científicos e o sistema de manufatura por cadeia.

"No entanto, a eficiência dos operários não pode ser comparada com a dos operários das fábricas americanas que eu conheci" - diz Davies. "Quanto a mim, não é comparável com o que se poderia obter numa organização tendo por objectivo o ganho capitalista. Apesar disto, é perfeitamente claro que os russos produzem um enorme rendimento em produtos."

"Impressionou-me também o facto de o governo soviético se assegurar das melhores capacidades técnicas estrangeiras e aproveitá-las para a criação destas empresas; das escolas técnicas e universidades estarem produzindo cada ano uma larga colheita de jovens do país, dos mais fogosos e enérgicos, muitos dos quais vão para a terminar no estrangeiro os seus cursos, trabalharão."



Riqueza mineral



A região leste do Volga é rica em minerais de ferro, carvão e outras matérias-primas. De facto, Magnitogorsk é considerada pelos russos como a Gary da U.R.S.S. Esta cidade tira o seu nome da montanha altamente magnética de reservas de minério de ferro, onde está assente, e que abastece as enormes fábricas de aço. Estas fábricas foram planeadas por técnicos americanos e estão equipadas pelas mais modernas altas fornos e laminadores. Um pouco a ocidente está a base de Kuznetsk onde há abundante reserva de carvão. Em 1938 o Magnitogorsk fornecia 1.800.000 ton. de ferro em lingotes, 1.600.000 ton. de aço e 1.260.000 ton. de aço laminado.

No coração dos Urais, está a cidade de Cheliabinsk, com 100 mil habitantes. Em 1939 produzia-se ali uma média de 15.000 tractores por ano.

Em Ufa, a fábrica de motores produzia, no mesmo ano, uma média de 16.000 motores.

Em Perm, há grandes fábricas que fabricam motores do tipo Wright Cyclon com a respectiva licença. Nesta cidade há, há 3 anos, uma capacidade potencial para 10 mil tractores por ano.

Izverlovsky, a capital do distrito tem enormes fábricas de armamento e de fabricação de maquinaria. Segundo os técnicos soviéticos, esta cidade podia duplicar a produção de armas das fábricas Krupp.

Em Kemerovo e em Solikamsk, a indústria química foi altamente desenvolvida.

Os técnicos admitem que a U.R.S.S. é o segundo maior produtor de ouro e que os planos darão em maior e maior desenvolvimento.

"Tenho a acusação - diz Davies - de que os técnicos soviéticos não me foi permitido ver pepitas de ouro de qualquer tamanho maior das pedras pesava 39 quilos, ou 80 libras. Eles mencionam também pepitas de platina, uma das quais pesava 100 libras."

Sob o ponto de vista estratégico, as matérias primas nacionais das um alto coeficiente de auto-suficiência. Num estudo comparativo com os 4 principais países - Estados Unidos, Gran. Bretanha, França, Itália, Japão - nenhum desses países, com exceção dos E. Unidos e da Gran. Bretanha, se aproxima do grau de auto-suficiência.

Na base de percentagem de auto-suficiência a U.R.S.S. goza de 100% em Carvão, ferro, petróleo, manganês, mica, Cromo e fósforo; 90% em zinco e pirites; 85% em fosfatos; 80% em mercúrio; 60% em sílica; É curioso notar que em manganês, em fósforo e mercúrio, em que a percentagem nos E. Unidos é baixa, a U.R.S.S. tem abundância; que em importações indispensáveis tais como cobre, etc. - o total que a U.R.S.S. recebe vem praticamente dos E. Unidos e que os recursos combinados dos dois grandes países constituem completa auto-suficiência em matérias primas e alimentícias.

A região do Cáucaso e Mar Negro produz 75% dos produtos petrolíferos da U.R.S.S. e tem os maiores e mais importantes oleodutos. O distrito Baku - Baku, em conjunto com o Cáucaso, fornece 90% de toda a produção de derivados do petróleo. As reservas de petróleo da U.R.S.S. estão indubitavelmente entre as maiores do mundo. A produção soviética deste ramo é a maior da Europa. A exportação de petróleo e seus produtos diminuíram de 6.000.000 de ton. métricas, em 1933, para 3.000.000 em 1936 e 1.929.000 em 1937.

Os esforços feitos para industrializar o campo, mecanizar a agricultura e aumentar a produção e uso de automóveis e camions resultaram num aumento de consumo desproporcional à elevação da produção de gasolina. Em 1932 o consumo de gasolina subia a 647.000 toneladas métricas e era cerca de 25% da produção. Em 1937 o consumo aumentava seis vezes para 3.500.000, enquanto que a sua produção tinha simplesmente dobrado no mesmo período, passando de 2.459.000 ton. métricas para 4.870.000 em 1937. Isso explica parcialmente que as importações de petróleo e subprodutos tenha aumentado, especialmente a parte americana, que aumentou aproximadamente 600%. Estas importações consistem, especialmente de gasolina de elevada octana para aviação, e a principal razão da diminuição de exportação e aumento de importação deverá ser baseada nos esforços que a U.R.S.S. está fazendo em aumentar as suas reservas estratégicas de guerra.



Agricultura



Em 1937 a área total de cultivo na U.R.S.S. era de 367.170.949 acres (o acre é equivalente a 62 ares). Os Estados Unidos tinham, em 1935, 327.661.000 acres e o Canadá tinha, na mesma época, 56.134.000. De toda a população, cerca de 1/3 vive no campo. É curioso notar que em 1913, 57% da população russa vivia da agricultura;

enquanto que o rendimento industrial era de 43%. Contudo, em 1934 o rendimento industrial passou a 77% do rendimento total, em contraste com os 23% para a agricultura, cuja produção global aumentou também em relação a 1913.

Em 1937 a colheita cerealífera atingiu uma tal cifra que ultrapassou todos os "records". Ela foi considerada em cerca de 111.384.600 toneladas métricas (162.444.640.000 litros). É fácil conjecturar o esforço realizado em virtude de terem diminuído a área cerealífera em favor do desenvolvimento de novas colheitas, tais como algodão, beterraba, etc.

Os números seguintes indicam a notável riqueza agrícola deste país:

Trigo - Em 1935 a U.R.S.S. produziu aproximadamente um terço da colheita mundial de trigo. Em relação aos E.U. foi 2,5 vezes maior; em relação à do Canadá, 4 vezes e 5 vezes à da Argentina. A colheita soviética é superior às colheitas reunidas de todos estes países.

Arroz - Durante o mesmo ano, a U.R.S.S. produziu aproximadamente metade da produção mundial deste cereal. Ela foi o triplo da colheita norte-americana e o quádruplo da canadiana. A colheita soviética figura a colheitas da América, Canadá e Alemanha.

Cevada - A U.R.S.S. colheu, no mesmo ano, 80% da produção mundial; 30 vezes tanto como a dos E.U., 40% mais que a Alemanha, Polónia e França, reunidas. Ela foi superior à de todos os países citados, tomados em conjunto.

Algodão - Durante o mesmo ano de 1935, a produção de algodão na U.R.S.S. foi um quarto da colheita mundial.

Linha - A União Soviética ocupa neste produto o 22º lugar após a Argentina. A sua produção é 5 vezes mais a dos Estados Unidos.

Açúcar de beterraba - Em 1935 a U.R.S.S. dobrou a produção do ano anterior e ocupou o 1º lugar na produção mundial, ocupado pela Alemanha durante muitos anos.

Gado vacum, lanigero e cavalar - Neste aspecto houve uma redução sensível, em relação a 1926 - 30. O gado vacum diminuiu de 65.000.000 em 1926 para 50.000.000 de cabeças, e o restante pra, em 1935, 30 a 40% menos que em 1928. Havia, no entanto, uma forte tendência, desde 1935, para aumentá-lo.

Mecanização da agricultura.

No quadro seguinte damos a evolução de aumento do emprego de máquinas na agricultura:

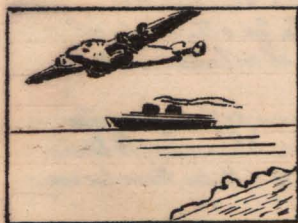


Anos	Número de Tractores	Tractores em cavalos	Número de máquinas combinadas
1928	26.700	278.100	
1929	34.900	391.400	1.700
1930	72.100	1.000.500	6.400
1931	125.300	1.850.000	14.100
1932	198.500	2.225.000	25.400
1933	210.900	3.209.200	32.300
1934	276.400	4.462.200	47.200

1935	379.500	6.534.000	52.100
1936	477.500	7.162.500	93.200
1938	483.600	9.250.200	135.500

As Estações de Tractores-máquinas (M. T. S.), começadas a organizar no primeiro Plano Quinquenal, atingiram o número de 24.446 em 1932 e 4.350 em 1935. Durante este último ano elas serviram mais de 72% da área semeada das fazendas colectivas (Kolkhosas). Estas Estações não são somente concentrações, do ponto de vista técnico superior, mas também contribuem para a aplicação de métodos científicos de agricultura e são as bases económicas e políticas nos distritos rurais.

Comunicações **GES** **PCP**



Marinha mercante
A tonelagem da marinha mercante, era em 1928 de 327.000 toneladas. Até 1935 aumentou 400%, atingindo 1.350.000 toneladas.

Viiação comercial Em 1936 havia 52.000 quilómetros de linhas aéreas, em contraste com 15.000 em 1919. O número de quilómetros percorridos por avião passou de 3.200.000 para 56.000.000, em 1936. As toneladas métricas de carga transportada aumentaram de 1.000, em 1929, para 60 mil, em 1936.

Estradas: O governo soviético herdou 24.000 k. de estradas, das quais 28 4.000 era empregada. Em 1936 havia 200.000 quilómetros de estradas com superfície dura, das quais 1/5 eram largas e principais. As estradas militares, algumas das quais irradiam de Moscovo, são magníficas, rectas, asfaltadas e de cinco vias.

Caminhos de ferro: Este é o mais fraco ponto da economia do sistema socialista. O comprimento em milhas de via férrea aumentou 25%. O Transiberiano de via dupla foi acabado e o governo está construindo um caminho de ferro de Mandchukuo às províncias marítimas, a fim de melhorar os meios de comunicação militar com as províncias do Pacífico.

"O lado militar da Embaixada - diz Joseph Davies - informou-me de que há uma marcada tendência em desenvolver mais o transporte por estrada, com uso de caminhões, que por via férrea."

Vias fluviais: O desenvolvimento das vias fluviais tem sido intenso nos últimos anos. O Mar Branco foi ligado ao Báltico com um canal de 227 quilómetros, iniciado em 1934. O Volga foi dividido em duas partes, em 1937, com um canal de 128 quilómetros e agora há ligação fluvial entre Aminegual e o Mar Cáspio.

O total das milhas navegáveis é aproximadamente de 100.000 milhas. O comprimento das vias fluviais navegáveis...



O governo soviético presta particularmente uma atenção militar à juventude. A utilização da sua juventude no objectivo da guerra é uma característica do regime. Ela está constantemente sob a supervisão das autoridades militares locais. Quando as raparigas e rapazes atingem a idade de 6 anos existem organizações especiais para eles - os "bristãs" - que são apoiadas pelo Estado. Destas, eles entram gradualmente numa outra organização - "Jovens Pioneiros" - (dos 10 aos 15 anos) e daqui passam para o "komsomol" - União das Juventudes Comunistas - (dos 16 aos 24 anos), organização algo similar aos Escoteiros.

Em Khar'kov - vi um típico clube de "Jovens Escoteiros". Esse clube estava equipado no propósito de desenvolvimento das aptidões individuais das crianças, durante as suas horas de recreio. Havia pequenos "ateliers" adaptadas para o trabalho das crianças, sob a orientação de técnicos instrutores. Vi-os construindo modelos "miniaturados" de aeroplanos, locomotivas, sistemas ferroviários, etc. As autoridades militares estavam intensamente interessadas nessas actividades.

O "komsomol" eram objecto de atenção especial. Elas recebem treino físico intensivo, ginástica e treino militar, prática de armas e tiro ao alvo, paraquedismo, todas as formas de práticas atléticas, treino manual, etc.

Anualmente, aproximadamente 1.500.000 destes "pre-fabricados" jovens soldados são chamados às fileiras, na idade de 18 anos. As tropas formadas com esses jovens são as melhores do Exército.

Divisões de atiradores proletários: Aqui e ali, entre as unidades militares regulares, a que Vorochilov passou revista, havia, disseminados em batalhões, aproximadamente 6.000 civis, que marchavam em formação de companhias, armados de espingarda, vestidos de variados trajes civis. Estas forças eram uma continuação dos bandos de guerrilheiros organizados que o Exército Vermelho veio depois a utilizar para desfazer as comunicações alemãs na denominada "defesa em profundidade", pela qual os estrategistas soviéticos procuraram detêr a "Polta-Krieg". É significativo que em 1934 os funcionários do Kremlin se aliciaram na previsão de uma ofensiva alemã e estavam - se mesmo preparando para lançar essas divisões para detrás da linha alemã, como fazendo parte da "política de "terra em brava", da defesa civil soviética.

"Proibição para o ar" da juventude: Este facto impressionou profundamente em relação as fides alemãs. A "proibição para o ar" do povo russo. Em todas as partes de qualquer tamanho há um denominado Parque de Cultura e Recreio, e, invariavelmente, entre outros jogos, divertimentos, há saltos das torres para saltos em paraquedas. Em todos os distritos as torres estão equipadas com grampos e fivelas, amarras e paraquedas. Em Altscera, dizem-se, há torres com...

GES
PCP

que alguns falavam num milhão) de jovens - rapazes e raparigas - que ganhavam a sua medalha e insígnia por terem saltado, oficialmente, três vezes de um amão, da altura de 6000 metros para cima. A altitude que, afinal, me recordo-me que, num almoço que Estêvão ofereceu a alguns diplomatas, entre os quais eu estava, entrou alegrementem na sala de jantar uma jovem e encantadora rapariga de 18 anos, filha de Estêvão, que, cheia de entusiasmo, vinha comemorar ao pai que acabava de completar o terceiro salto, que a qualificava para a entrada para o Corpo de Paraquedistas.

Treino do Exército e de oficiais: Em 1939, Vorochilov, relatou no Congresso dos Soviets que o Exército Vermelho tinha alargado os institutos militares que Frumke havia dado às bases em 1928, de modo que ele estava a ponto de declarar que havia 63 escolas para tropas terrestres, em que dozens de milhares de jovens, com educação secundária, estavam sendo treinados para oficiais. Eles adquiririam o posto de tenente. Trinta e duas escolas de aviação, com ensino náutico e de engenharia, estavam dando técnicos e pessoal de aviação. Havia ainda 140 academias e universidades des militares para os homens de educação universitária, para educação e treino dos oficiais qualificados para o alto comando. Estas universidades, disse Vorochilov, também davam cursos noturnos, em que estavam matriculados 15.000 comandantes e altos oficiais. Foi informado de que os livros soviéticos de estratégia militar inspiravam geral respeito nos círculos militares profissionais do estrangeiro, particularmente na Alemanha.

Em 1937 e 1938 o número de oficiais brancos que obrigatoriamente comandavam unidades do Exército Vermelho, era negligenciável. Eles tinham sido substituídos por jovens graduados pelo largo número de escolas militares que tinham sido construídas por Frumke e Vorochilov.

O tipo de oficial do Exército Vermelho em 1937, que frequentou a escola especial da sua arma e que foi aprovado por um dos institutos superiores ou academias militares que treparam oficiais para o comando geral e para o Estado Maior, as suas qualidades militares para o comando de unidades mais pequenas, era considerado excelente. As suas qualidades para comandos superiores deveriam ainda a esta altura de serem provadas. Ele é em geral um homem de bom físico, ambicioso, cheio de energia, e aceita voluntariamente o seu quinhão em privações, trabalhos duros, o que ordinariamente não acontece com os oficiais de outros exércitos.

Em conversas que tive com técnicos militares estrangeiros e russos, em Moscovo, fui informado que nestes anos mais recentes os exames e provas de admissão para as escolas militares superiores eram extremamente severas, científicas e seccionadoras. A classe de oficiais superiores era recrutada por processos de competência eliminatória, para a escolha dos mais capazes e hábeis de grande reserva para o Exército.

O ensino militar deste período (1936 a 1938) foi sustentado pela doutrina de Frumke sobre o Exército japonês no Lago Haman e na Manchúria.

Embora nunca existisse, que a oeste estavam os "camuflados" do mar. Para fazer face a esta situação foram criadas unidades para a defesa da Sibéria, com a missão

de lutarem independentemente e, sem esperarem socorro um do outro. No Extremo Oriente, o Exército oficial da Bandeira Vermelha, de 400.000 homens sob o comando de Blücher, estava equipado com uma reserva independente, com um "stok" de munições e outros abastecimentos para 2 anos.

Foi durante a crise de "limpesa" que a estratégia nifônica achou oportuno "experimental" a força do exército russo do Oriente. As potências do Eixo acharam poucos "conforto" nos resultados deste encontro. Um alto oficial japonês informou-me que a força e eficiência das forças motorizadas e de infantaria causaram grande impressão e respeito nos círculos militares pelo poder do Exército Vermelho.

A maior parte das forças totais do exército estão agrupadas nos distritos adjacentes à fronteira ocidental. O total das forças do Exército Vermelho são computadas em 1.200.000, a proximidade em...

Durante os anos de 1934-38 e 39 foram empregados anualmente, para a defesa, 6 milhões de dólares (aproximadamente 150 milhões de contos), ou seja mais do que a receita anual do governo da Inglaterra e quase o total das receitas do governo americano extraídas dos impostos federais.

Educação e assistência social



GES
PCP

Os soviets declaram que o analfabetismo foi eliminado completamente. Em 1913, 67% da população russa era analfabeta; hoje não há um cidadão que não saiba ler.

O número de escolas elementares na U.R.S.S. em 1936 era de 167.100, em contraste com 106.000 em 1914 - o que indica um aumento de 64%. O número de escolas e institutos superiores técnicos passou de 91, em 1914, para 592, em 1936 - ou seja um aumento de 500%.

A população escolar em 1936 foi de 24.842.000 pessoas. Nos jardins-escolas viviam, no mesmo ano, 1.039.700. Em 1935 havia 1302 escolas de ensino técnico, com um total de 246.248 alunos. Antes e mais tarde da população soviética achava-se, em 1936, matriculada nas escolas.

Em Moscou, só em 1935, foram edificadas e equipadas 152 grandes escolas. Em 1936, na mesma cidade, foram construídas e equipadas 152 escolas. Em 1935 o número das escolas construídas nos distritos urbanos foi de 496, enquanto que nos distritos rurais foram edificadas 600 escolas elementares e 2.000 escolas para o ensino de 4 anos.

O gasto anual médio por aluno era o dobro em 1936 em relação a 1932.

O período pré-escolar, constitui uma parte importante do tema educacional da U.R.S.S., (jardins-escolas e creches) com 627.000, comparadas com o número existente em 1932 e com estabelecimentos à proximidade de 1.000.000.

Durante os três anos de 1933-1935, 1.300.000 pessoas estavam matriculadas em escolas técnicas médias e superiores, enquanto 488.100 especialistas com o curso técnico médio eram aprovados. Em 1935 509.000 pessoas estudaram em escolas e colégios técnicos, contra 417.200 em 1932 e 124.000 em 1913.

Não menos interessante é o facto de que, concorrentemente com o extraordinário aumento nos gastos militares, o orçamento para as despesas sociais e culturais aumentou também, excedendo o orçamento de guerra.

Em 1928 o orçamento social e cultural era de 449.500.000 rublos, que eram 6,4% do orçamento total. Em 1937, as despesas previstas neste objectivo eram de 26.641.552.000, ou sejam 57% do orçamento total daquêle anno.

As despesas de guerra foram 3,3% do orçamento geral do Estado em 1934. Em 1937, os gastos totais para fins de guerra foram 22% do orçamento do mesmo anno, ou sejam 22.431.036.000 de rublos.

Os gastos nas despesas sociais e culturais cobrem uma variedade de actividades - educação, creches, jardins-escolas, hospitais, seguros sociais, habitação, teatro, cinema, rádio, livros, jornais, etc. O signifi- ficado dessas rubricas está, não na sua qualidade, mas na sua extensão e ponto de vista. A despeito das enormes necessidades da guerra, o governo tem aumentado o orçamento para estas actividades.

Um caso curioso observei em Odessa, no teatro da Opera, cuja edificação é semelhante a de Vienna. O director desse teatro informou-me de que o teatro funcionava diariamente, todo o anno, com um pessoal composto por 700 pessoas aproximadamente e que devido aos enormes gastos o governo de Moscovo contribuiu com 1.700.000 rublos cada anno para conservar os bilhetes de admissão a preços baixos.

Além da contribuição do governo para a construção e manutenção de sanatórios e casas de repouso fizimos dos centros industriais e nas regiões quentes do Sul, os sindicatos, o Exército Vermelho e outros organismos tem construído enormes edificios na zona sub-tropical.

Na Ucrânia, na Crimeia e mesmo no Caucaso, os grandes ^{palácios} ~~palácios~~ e vilas das classes ricas do velho regime foram transformados em vários tipos de sanatórios. Vários tipos de banhos rádio-activos, sulfúricos, hérmicos, etc, tem sido desenvolvidos e explorados.

Sochi, por exemplo, velha aldeia nas margens do Mar Negro, é hoje uma cidade, embora pequena mas bastante afiguravel e centro de hospitalização para doenças do coração, devido a estas condições climáticas e hipométricas. É interessante dizer que o "Rio José" Stáline passa as suas férias e onde em 1936 lhe dispararam alguns tiros, quando conduzia uma pequena canoa a motor, segundo se diz.

A União Soviética há uma tiragem de 39.000.000 de exemplares de livros jornais. Em 1928 haviam 23 emissoras, em contraste com 48 que existem actualmente.

Os editores publicaram em 1936 43.348 obras com 541.000.000 de exemplares. Em 1916 não se publicaram mais que 26.124 obras com 100.000.000 de exemplares.

Em frente dos salários passaram de 22.700.000.000 de rublos em 1928 para 200.000.000.000 em 1935. A média anual de salários por traba-

Shador, aumentou de 1.427 rublos para 2.371,5 rublos, em 1935. Desde 1930 que não existe desemprego na U.R.S.S. Os presos, seja qual for a espécie, inclusive os políticos, não são desempregados. Eles trabalham.

Quer este regime continue quer não, na minha opinião a situação russa continuará a crescer em importância internacional, quer económica quer política.

Enormes e mesmo imponentes e espantosos passos foram feitos, quer no desenvolvimento quer em realizações no domínio industrial e científico...



É, pois, respeito do aqui e dali, da obra de Joseph Davies, o que ele mais essencial é de dar, ao seu governo, da vida económica e social da U.R.S.S.

Joseph Davies fez durante o período da sua missão várias viagens de estudo aos centros industriais e agrícolas da U.R.S.S. Ele verificou *in loco*, as condições técnicas das regiões industriais do Baixo-Siberia, do Donetz e do Cáucaso, e estudou as condições de vida, nos seus vários aspectos, do povo russo.

Defensor estrênuo do regime político do seu país - a democracia burguesa - é, critica, por vezes asperamente, o sistema político do governo. Ele próprio o faz quando se dá a gloria de ser um burguês, como na sua entrevista inesperada com Stáline. No entanto, quer nas suas observações pessoais e particulares, quer nas suas opiniões ditas cara-a-cara a Molotov, Malinine, e Stáline e a outros dirigentes da U.R.S.S., quer ainda nas suas informações oficiais ao seu governo, é, sem deixar de criticar o aspecto particular do "socialismo", salienta o que é mais o entusiasmo em tudo quanto viu e estudou - o esforço prodigioso ali realizado durante o curto período de duas décadas no sentido de fazer renascer um país, pondo-o a par dos mais desenvolvidos do mundo, de erguer um novo tipo de sociedade, que não é baseada no lucro individual e, sobretudo, do aparecimento de um "homem novo", que está surgindo naquela seta parte do mundo.

Liberalista e democrático, no sentido burguês da palavra, é não compreende a democracia proletária que está na base do regime soviético.

Para ele, o tipo excelente de governo baseia-se na liberdade - esquecendo, ou não vendo, que onde existe liberdade para uns outros morrerem de fome e frio, por isso mesmo, o seu próprio país chegou a atingir seis milhões de desempregados.

No entanto, adversário do processo rápido de evolução que o povo russo adoptou, é foi obrigado a observar que, embora certos feitos (quanto à sua forma dispensar) a U.R.S.S. deu um passo gigantesco na História, passando, de um país essencialmente agrícola a ocupar o primeiro plano dos países que tiveram uma parte importante de desenvolvimento industrial.



CÊNAS DA NOSSA VIDA

Caminho da fonte

GES
PCP

Fra sábado e durante a noite pouco tinhamos dormido porque sintomas de febre nos incomodavam brutalmente. Não sabíamos as horas, porém prevíamos que ainda era cedo, e as voltas e reviravoltas na cama eram constantes. Suspirámos fundo enquanto o companheiro do lado dormia o seu sono tranqüillo. Mais umas voltas, mais uns pensamentos que lançávamos no espaço e mais uns rasgos de revolta se criavam no nosso espírito contra a tirania de uma boa parte da humanidade. O silêncio era profundo, mas eram espantosos os nossos pensamentos, que esvoaçavam para bem longe; para bem longe de nós, é certo, mas para perto daqueles que eram lançados para a goseira da metralha...

Atraves da enorme corrente da resignação da noite, pareciam-nos ouvir os gemidos incessantes de tanta alma inocente que sofria os horrores da negra fome e da violência que atormentavam barbaramente o mundo daqueles que procuram viver, viver sociegadamente nos seus miserios casebres.

As ondas cosmopolitas transmitiam os gemidos das dores produzidas em tantas mais bondosas, em tantas espóvas dedicadas e em tantos filhos queridos que, conjuntamente com o infernal drama deste campo de concentração, criado pelo fascismo português, triplicavam as nossas apreensões e a nossa vontade firme e inabalável de não recuar, não em milímetro sequer de terreno e de não fraquejar nos um momento na luta contra a onda fascista que procurava dominar o mundo inteiro pela força e pela mais detestável das tiranias...

Estes simples momentos de vida pareciam-nos longos séculos de tortura, mas nem por isso deixámos de lutar até às últimas consequências. Tivemos partir mais um camarada que tombara no campo de batalha, mais uns tantos que seguiram, descalços, para a "grilheira" e mais alguns que, em estado febril, eram obrigados a trabalhar, porque se "trabalheira" não dava baixas seguras com temperaturas superiores a 37,5°. Até aí não considerava temperatura...

Depois a febre no sono quando curámos febre e o delirar na porta da prisão. Uns ciliros que se apertavam; uma

daquelas feras que para "ganhar o pão" recorrem à situação mais vil e mais infame à que qualquer homem pode lançar mão - ser polícia e carcereiro do seu semelhante... Abriu a porta, e sem consideração alguma por quem dormia, berrou em voz alta:

- "Olha os homens da água!"

É não satisfeito com a gísteria que fizera, teve ainda o "prazer" de começar a bater com as chaves na parede e de cantarolar um fadinho da sua predileção....

Sem dúvida alguma, eram quatro horas da madrugada. Da madrugada de um dos dias mais dolorosos de cativeiro do Sarragal. Levantamo-nos e eis-nos a caminho da fonte, porque tínhamos que dar dois caminhos de água antes do café.

O rodar das vagonas pelas calhas produzia nos sensações para quem a luta quotidiana é, efectivamente, o seu mais duro e pesado fardo da vida. Na medida em que nos afastávamos da iluminação e que penetrávamos pela escuridão, alguma coisa de estranho se àpode-rava de nós, de tal maneira que, frequentemente, momentos houve em que a vida nos não interessava. Nem propriamente o próximo sair da aurora nos despertava o natural e habitual interesse. Quando chegamos à fonte, surge-nos imediatamente uma inocente criancinha, de cabelo alourado como o ouro, olhos azuis como o céu, as suas sobran-celhas era douradas e profundas; como o mar os seus olhos. Esboça um sorriso tão encantador como o raio solar que se reflecte na fu-reira das águas correntes...

- "Fadrimho, diz ela - "a mim trás recado de papai?"

- Pois sim, espera um pouquinho porque também tenho um medicamento para te entregar.

- Está bem, fadrimho, "fa mim espera".

Cheios os bidoms de água e portas as vagonas em marcha para o acampamento, arastados a custo pelo pobre boi, procuramos a garôta para conversarmos à vontade. A um cantinho do muro, junto à fonte, lá estava ela, toda encolhida, a nossa espera.

- Frio "teheu", fadrimho.

- Frio muito frio?

- Muito, sim...

- Porque não vieste melhor agasalhada?

- Estava "no sono" e com pressa de ir encontrar papai...

So viste vistido.

- Bem, para a outra vez toma mais cuidado para não ficar

foiz mal à saúde... Toma, leva estes remedios: selgito de glicéria, quinino, pastilhas de aspirina, algodão e tolim. Viste bem? Bem, dá um frasco de fortificante para te tomares as refeições e um do pomado para fiões mas feridas. Já cumprimos as tarefas que estamos a fazer e as tuas melhoras. Vai embora...

- Ainda não, fadrimho; "a mim e tem que dar o

recado e dar abraço "a si", porque eu estou muito frio. "Papai está no coma", doêrê tem que vir e mostrar-me até logo...

- Meus, djithada, até amanhã...

GES
POC

Sobre garôta! O que é a ignorância, a ingenuidade e a pobreza de espirito das ciúmas!... Nestas almas não reside ainda a propensão para o malvader; mas conhecem ainda o caminho da crueldade, nem a senda do ódio, que imhiera em tanta gente por esse mundo fora. No seu intimo se flameja o flor da bondade e do carinho; não há ardiliza, mas tão sómente a doçelidade das almas puras e simples...

E assim chegamos ao Campo, quasi colados ao carro da água, depois de terminados aquêl rápido encontro...

Alto acampamento apenas se notava o saltitar dos gatos de lado para lado, porque para elles a vida corria alegremente e viviam insensíveis ás agruras que esmagavam a existêncio aos racionais.

Na cozinha, ao fundo do Campo, notava-se a labareda do lume e o fumegar da chaminé, que lançava o fumo para o espaço e que logo desaparecia para não mais tomar a vê-se. Ali, um cozinheiro a nosso trabalhava desde as 4 horas para ferver a água que devíamos beber durante o dia e para fazer o café da "infelta", que ainda "choimava" nas casernas.

Feita a descarga da água, novamente partimos para a fonte. Ali, contêm'plamos durante alguns momentos, com a nossa própria vista e o mono space espirito de obsequioso, e corrotio de gente que chegava e partia, com as suas bithas á cabeça, descalca, tristemente ambraposa e com o habitual bocado de trajo enrolado á cinta.

Sobre gente! Se vós soubesseis o notório porque nos encontramos presos, e que aqui, solitários, debaixo desta arvore, nos compadecemos de vós, da vossa miséria, certamente que nos olhariam com mais simpatia e agrado do que aquêl com que nos encararam!..

Tolvemos um pouco e reparámos que se tinham apagado os lures no Campo. Entretanto rompe o tilintar das sinistras badaladas. Era a alvorada, para tôda a "canalha" se levantar, que se fazia ouvir por de um terrível e enervante bater de ferros...

A fama continuava, e uma vez mais de regresso ao Campo resolvemos, sem nos preocuparmos em tomar o café, ^{mesmo} sei ler o pequeno manuscrito do pai da nossa afilhada. Ele era um nosso amigo e tinha por todos os presos a maxima admiração e estima. A dôçica retinha o no leito havia dois dias, e por tal motivo dava a justificação da falta das notícias que tão habitual e pontualmente nos dava nos seus communicados diários, terminando com "um abraço para todos os que se encontraram dentro d'elles çômes" e um "viva á liberdade"...

Alto havia d'umida alguma que era nosso amigo, e tão nosso amigo que acabou por ser, tambem, uma vítima de fascismo (consequências que não da, só sobre, embora não esteja preso...

As suas palavras sensibilizaram-nos tanto que contribuíram grandemente para uma tensão nervosa tal que nada nos detinha na collera que tinhamos por tudo a por toda. Ela era tão declarada que até os companheiros de trabalho, se aperceberam do novo estado...

Abal um carro de água... o terceiro que se dava... começando a chuchar o conteúdo da nossa partida para a fonte. Carro cheio e água a... nós. Removemos máxim destiços de água, chucando a dar... ta sita, quasi pelo do ante, sem... Enfiar, tomámos um ba...

IS
CP

Se entrarmos no Campo, infelizmente, alguém se viu da festa porque efectivamente tudo isto parecia uma festa... Com, não havia que ter comidacões por esses indivíduos, porque eram todos do Fresta. Arítes e se marredressem eram menos uns miseráveis que já não fessam mal a ninguém.

Desfimos a roupa, que estava encharcada, e metemo-nos na esgana e, caso curioso, a imagem de uma pessoa surgiu-nos imediatamente a nossa frente - a flia infeliz mulher que nos deu a luz - e muito triste nós, interrogamos: - Mas, foi para isto que nos criaste? Pobre mãe!...

Continuava a chover, e a bom chover. A excitação nervosa era intensa e uma hora depois estávamos com uma seque que nos durou aproximadamente uns longos sessenta minutos. Não havia roupa que conseguisse dominar a maldita seque. E a chuva continuava. A barulheira era infernal na caserna e o mundo parecia nos ir tombando para o lado oposto. Ah! Maldito fascismo que nunca mais acaba!

E a humanidade que pode deixar-se de sofrer tanto barbarismo? Tudo isto era um turbilhar no drama da vida! Agora era o marteladas das badaladas para o almico. Elas entravam tão agudamente ao nosso ouvido que pareciam aghiças que esticavam no nosso corpo.

O "M. Pirão" apresentam-se mais uma vez à mesa de visitas a rapaziada amiga. Voltamos a cara para o outro lado porque só cheiro... senhoris! Criava-nos o vômito. E não abismamos por que...

Aí que enfim, surgiu-nos uma alma condescendente a perguntar se criamos alguma coisa, o que só por uma questão de vergonha pedimos que fosse feita a favor de buscar o termómetro, que só chegou ao fim de meia hora...

Já não chorava. Consultamos o aparelho e vimos que marcava 39,9 de febre.

Ah... maldito fascismo! Não faz mal. Nós havemos de vencer porque queremos viver. E se houver alguma coisa que não ficarem por cá os corpos, alguém, não dia mais tarde, pedirá as responsabilidades por mais esta vítima do fascismo. Os nossos camaradas, entamos certos disso, registrarão, para não sermos esquecidos, e mesmo que o nosso assassínio não fosse ou não seja registado no libelo acusatório a apresentar amanhã ha-de fulgar no tribunal os criminosos e os tiranos do nosso país, temos filhos em quem confiamos e que saberão julgar com justiça, por suas próprias mãos, a fealdade do seu querido país.

Ah... monstruosidade das monstruosidades!... Descansem que não nos vencem com terrores, com represalias ou com crueldades desta natureza. Não! Nós havemos de vencer porque queremos viver...

Não temos poder descritivo para descrevermos o que se passou neste curto de tempo. A luta travada entre o desespero de certos delirantes mentes e o nosso Eu foi qualque coisa de estúpido. O desespero infacientava-nos e criava os rencores mais absurdos que não se podem, as publicações eram precariamente as de uma pessoa desesperada e o sangue nos artérias gotejava com uma abilitação tal que tudo dentro de nós estava humido.

Feitou de chover, mas daí a pouco uma chuva pairou por estes sitios que não podem estar...

em chamas. A sede apouquentava-nos e era tão insuportável que duplicava o nosso martírio, porque nós não queríamos incomodar os nossos "queridos" companheiros a fedir. Mas fosse o que fosse, visto que eles tão indiferentemente assistiram a esta tragédia fúnebre.

Toda a roupa da coroa estava encharcada e nós num lago de água...

Malditos corvos, que tanto nos incomodam! O seu "kua-kua" confundia-nos com os raios e o seu arrastar constante nos telhas irritava-nos ainda mais. Enfim, uma terrível confusão que só nos complicava a vida.

O nosso Eu, que até aqui se mantinha um tanto ou quanto na expectativa, insurgiu-se contra o cutelo da doença e procurou que nós reagissemos corajosamente porque não tínhamos de vencer para vivermos. É ele mesmo ciente que isto não era mais nem menos do que uma consequência da vida agitada, de uma brutal tempestade que atacava as grandes cinzas do mundo. Dizia-me que um homem com ideais, que luta e que pretende um nível mais elevado para as massas trabalhadoras e uma larga perfeição humana, tanto quanto possível, deve enfrentar de cabeça sem virgida todas as vicissitudes com que esbarra no caminho e nunca, durante um momento sequer, da marcha do mundo, da sua evolução e da sua e da sua tendência para o progresso.

Um momento de fragura num revolucionário é a falta de confiança em si mesmo. Desde que o mundo é mundo, a Humanidade tem sofrido, sucessivamente, atrocidades da própria natureza e as vilanias da classe predominante. Todas as gerações passadas têm destacado homens para a luta, que tão heróicamente se têm batido pelo mesmo que têm hoje te batês. Verdadeiros gênios, invulgaros pensadores e excepcionais revolucionários esperaram as maiores instabilidades do seu semelhante, porque defendiam e lutaram pela liberdade dos firos e pelo pão para os famintos.

Atiraram-se para as fogueiras com milhões de homens, mulheres e crianças e hoje ainda se fusilam aos milhares porque, como tu, querem que o mundo seja mais fraterno.

Um revolucionário deve estar à altura do seu papel e devidamente preparado para qualquer eventualidade.

- Basta! - disse eu em voz alta para mim mesmo.

Sacudi os lençois, senti-me na cama, a transpirar por todas as partes, e rasquei um lenço em tiras.

Carde? Fraco?

O meu Eu prossequindo e finalyndo disse: - É necessário que tenhamos mais inteligência e menos nervos, porque só assim se vence para viver. As responsabilidades que o homem tem na Terra devem ser a saciedade de toda a colheita e ao domínio dos seus instintos.

Eu o meu sofrimento cada era, em comparação com o que tentavam fazer a mim estavam, se não por este mundo fora, pelo menos para mim mesmo eu lembro que isto era uma situação natural. Se alguma vez houve o a morte passou-se-se de uma vida para outra, quando chamaram "Alta o signom" que não é um montão de coisas, mas não, a cabeça.

GES
PCP

não nos deixava falar-lo.

Já tinhamos saudades dos nossos pupilos, a quem ensinamos as letras de água e ajudávamos a fi-las à cabeça. E, caso curioso, o nosso fôro amantíssimo estava em grande actividade quando um amigo nosso se aproximou de nós, muito sorridente, e nos meteu na mão o seguinte bilhete: - "Querido Padrinho. Esta manhã, na fonte, "a minha" be "qui me" padrinho passava incomodado com febre. Todavia, na casa sentimos muita tristeza e de orações desejamos as suas melhoras para o tomarmos a ver depressa porque eu "sentir" fôro muitas saudades suas. - "A nós" todos somos pobresinhos mas si precisar alguma coisa da gente mande dizer. Tenho fé e esperança que isso passe depressa. Saudades de todos di casa e um abraço da sua afilhada do coração - (a) Carminha?"

Quando acabamos de ler o bilhete não sabemos o que sentimos nem quais os nossos pensamentos. Colocamo-lo dentro de uma pequena caixaõha, e chamamos em volta e em volta a parte parcia vemos a imagem daquela criança. É muito para nós, perguntamos: Mas esta pobre criança também é uma vítima do fascismo?

Sim, é uma vítima do fascismo e de toda a ^{sociedade} classe capitalista. Coitada! Sobre criança. Como ela não esqueceu e sabe que tem um preso perto de si, que ela nunca conheceu, mas que sabe que é seu amigo!

Olhamos de frente o nosso camarada e vimos, mais ou menos, a seguinte expressão:

- Já não tenho febre, estou melhor, e disse a essa criança que não a esqueço e que qualquer dia abraçá-la-ei como se fôro minha filha...

Sua filha, não é bem assim, porque ela é uma pessoa frêta, e tu és branco...

- Isso não interessa, pois, para mim, não há pretos nem brancos - há homens, mulheres e crianças que fazem parte da humanidade, e mais nada. Os sentimentos, a inteligência e a integridade de qualquer pessoa não está na cor, estão no eu de cada um, no seu próprio poder de raciocínio, de compreensão, e no brio pessoal.

Não divido, meu caro amigo, porque eu falo-te sinceramente e expresso o que sinto e o que penso. Esta gente causa pena, e por ela farei tudo o quanto puder. É verdade que não posso ainda muito atrasado, mas também tem alguns traços de humanidade que eu admiro e que fundem a minha admiração. Esquecerei p onde quer que esteja defendê-los e com todos porque apesar de pretos, são meus semelhantes, visto que, inevitavelmente são uma parte da raça humana de que eu faço parte. Os meus sentimentos e a concepção que faço da vida, não permitem que tenhamos que em mim, ninguém, o mais leve preconceito de raça. E posso crer que sou amigo dessa criança, e não amigo que não me faz nada absolutamente nada a presentê-la como inimiga de qualquer parte do mundo.

Quantas pessoas brancas não têm o coração preto e quantas não têm o coração branco como a neve.

integral: a unidade de acção dos trabalhadores portugueses para enfrentar todos os seus problemas de maneira a alcançarem melhores condições de vida em todos os aspectos da sua existência.

Da importância da Confederação Geral do Trabalho para a realização do nosso objectivo de unidade temos a consciência de que não há entre nós qualquer camarada que tenha dúvidas a esse respeito. Todos nós estamos firmemente convencidos de que a C.G.T. será um ótimo instrumento para alcançarmos aquilo que tanto ansiamos: a classe operária a par de toda para uma única direcção - os seus problemas, embora postos de diferentes maneiras em equação, a terem uma solução final e única. Nós faremos todos os esforços para que uma única Central operária exista no nosso país a aglutinar todas as massas trabalhadoras.

Temos a opinião que cada revolucionário do quadrante proletário deve ter a noção das suas responsabilidades e meditar profundamente quando encare um tal problema. Pelo nosso lado, desejamos afirmar, com toda a lealdade e franqueza, que o futuro movimento operário português ou é um movimento vivo - e por isso será robusto e merecerá o respeito dos seus adversários, que terão de contar com ele em todas as emergências da vida portuguesa - ou será um movimento fraccionado e cada núcleo ideológico terá a sua "casa particular" mais ou menos numerosa, e, portanto, será débil, estiolando-se em lutas de tendências - levando a burguesia a melhor porque lhe será fácil brincar com a nossa desunião.

É imprescindível, como aqui já foi dito com bastante justiça, que cada núcleo ideológico sacrifique alguma coisa, de que constitua a sua particular manifestação de ser em prol do alto objectivo comum: conduzir todos os trabalhadores portugueses, dentro de uma verdadeira acção consciente de classe, na luta pelos seus inegáveis direitos económicos-políticos-sociais. Isto é fundamental em qualquer das correntes ideológicas.

Temos ouvido muitas afirmações de militantes operários dentro deste Campo, que se baseiam neste alto ideal. Todos têm manifestado pelo menos por palavras, que é preciso existir uma central operária única. Mas isto não é tudo. Estamos convencidos que do lado do nosso pequeno núcleo ideológico isto é sincero. Nós temos nos esforçado bastante por que assim seja; há segurança que sacrificamos a tudo a este alto ideal. As nossas palavras, as nossas ideias aqui colocadas, tendem a este objectivo final. Não existem reservas do nosso lado. Todos nós, indivíduos ou grupos, em conversas públicas no Campo, temos posto, clara e francamente, o que pensamos, sem quaisquer das palavras encubrem qualquer objectivo oculto. Estamos todos prontos, preparados para ir lá para fora lutar por uma central única, sem reservas, sem que tenhamos quaisquer ideias de reserva para a sua direcção. Só nos anima o desejo de ver os trabalhadores portugueses formando um único bloco.

O nosso querido camarada... "Padrão Técnico" tem a nossa firmeza... Ali, está o nosso guia... camaradas que já lá estão, não muito se... este belo objectivo.

Não há, portanto, de mais...
27

ma para a qual se liga todo o nosso esforço. Ninguém, com verdade, poderá encontrar nos nossos pensamentos quaisquer desejos ocultos de termos a a água ao nosso molinho. Um único desejo nos anima: ver a classe operária dignificada, pujante, invencível, seja qual for a orientação que ela siga dentro dos limites da luta revolucionária. Estas são as nossas ideias, postas com clareza e verdadeira franqueza.

Enquanto do nosso lado não nos animam outros objectivos, vemos, com tristeza, em alguns sectores do pensamento proletário, aqui dentro, existem objectivos bem diferentes dos nossos. Temos falado várias vezes com algumas camaradas de outras tendências e ouvimos de vários outros. É conflagrador ter que constatar que nas suas ideias há qualquer coisa escondida que não vá cá para fora. Noutros anima-se uma enorme desconfiança em relação ao futuro, desconfiança esta que, sem no fundo, esconde desejos muito opostos aos nossos: maneiras de se subtrair com a colocação dos problemas com franqueza - aquela franqueza que nos caracteriza a nós.

Temos de remissão a ideia aqui colocada por alguns camaradas nossos, de que da parte de certo sector operário há uma grande desconfiança em relação ao que hoje aparece de franqueza. No fundo, sem no fundo, essa "desconfiança" envolve pensamentos que se enquadram no desejo inconsciente de terem a "sua própria casa", uma C.G.T. muito sua, embora outras correntes ali tomem lugar em seu devido "controle" ideológico. Ora, isto não são ideias salutares de unidade.

Não regeitamos a tese dos nossos "irmãos" - tese encoberta, no fundo das suas intenções - da existência de um movimento sindical único mas com a exclusão de uma orientação central comum. Praticamente, querem uma frente única proletária, uma unidade operária que se traduz numa unidade. Só é unicamente de baixo, da sua orientação política: uma unificação obreira que não deseja nem aceita os pontos de vista revolucionários dos outros núcleos ideológicos. Isto não pode conduzir os trabalhadores portugueses a uma unificação das suas lutas contra a burguesia.

Mas o que também é verdade é que, da mesma maneira, regeitamos a ideia, dos libertários, da existência de uma C.G.T. única, só e unicamente hasteando o pendão do federalismo libertário. Esta ideia, embora do ponto de vista de franqueza ainda possa parecer, está firmemente arraigada numa grande parte, sem em todos, dos círculos libertários de todo o país. Eles não abarcam ainda nitidamente um C.G.T. que seja um corpo homogêneo de luta proletária única, em prol de todos os trabalhadores, onde se colocam todas as ideias, todas as sugestões tendentes a conduzir os trabalhadores portugueses numa direcção progressiva, unificada, partem de que núcleo ideológico. Mantêm, as ideias directores tendentes a este objectivo final, por que tanto anseiam a revolucionários proletários que põem acima do seu grupo a unidade e o interesse comum dos trabalhadores.

Qualquer destas duas tendências, animadas mais ou menos por interesses comuns ou ainda outros que apareçam da mesma maneira, não podem conduzir a um movimento único, já que se enquadram dentro dos nossos princípios

Esta coisa, muito corriqueira de se defender a unidade de acção dos
trabalhadores mas, de antemão, com a "pedra no sapato", de que esta
unidade será uma unidade desta ou daquela ideologia revolucionária,
é na verdade não querer a verdadeira unidade da classe operária. A
unidade pode e deve desde já formar-se no âmbito da C.E.T., tal qual
o nosso camarada J. de S. explicou nas colunas da nossa revista, mas em
de cada militante, seu grupo de militantes, forma como ideia central uma
C.E.T. que tem como objectivo principal aglutinar os trabalhadores portu-
ges para uma acção única, tendente a conduzi-los à sua natural e verdadeira
deliberação emancipatória; uma C.E.T. onde caibam todos os pensamentos ideol-
gicos, dado que todos os núcleos ideológicos se propõem lutar em nome dos
trabalhadores e pelos seus interesses. Se é assim - e nós acreditamos in-
caramente que todos os núcleos ideológicos revolucionários o farão franca e abertamente -
devemos praticamente provar dentro da C.E.T., como organismo
central de luta dos trabalhadores, que as nossas palavras se têm for-
mado na prática, em realidade: a C.E.T. é efectivamente o instrumento de
luta da classe operária.

Nós lutamos por estas normas, mas verificamos que nem toda a
gente o faz com franqueza.

Quanto aos nossos "irmãos", não nos surpreendem os seus com-
portamentos restrictos, pouco claros, de unidade operária, pois sabemos o que eles no
fundo desejam. É uma seqüência política de horizontes fechados, provada
em multiphas actuações aqui e lá fora: são os tropicões ideológicos que os
prendem e colocam fora da realidade. Assim, por este lado tudo está
mais ou menos claro. O que nos custa é virarmos a nossa atenção para
o outro sector ideológico, descobrir bem as baterias dos camaradas liberta-
rios, ver bem no fundo até que ponto as suas palavras encobrem outros
objectivos. Isto não significa desconfiança da nossa parte, é antes uma
necessidade de desconfiança o horizonte e verificar, no fim de contas, se na
realidade a sua desconfiança em relação ao nosso lado é um redondimon-
to do que existiu ou encobrimos, com isto, um desejo bem assente de quererem
uma frente única à sua moda. Precisamos estar advertidos e preveni-
dos quanto à sua fraqueza, se ela encobre outros designios, estamos
cálculos, não para abrir a boca numa guerra com quartel com eles - isso
seria o pior serviço prestado à causa da unidade - mas sim para estarmos
atentos de maneira a levá-los a falar claro, para assim pudermos de-
monstrar-lhes que, finalmente, não há um problema de desconfiança,
mas sim um objectivo muito deles - o desejo de se não pretender unidade
dentro da C.E.T. serão com uma orientação e direcção
na da sua própria ideologia, uma unidade da sua própria ideologia.
tamos, mediante um dever imperioso bem revolucionário, demonstrar aos
camaradas libertários que é isto mesmo que os emburra de marchas e pro-
var-lhes que esta não é a via e, por fim, levá-los a falar claro para
que a classe operária os veja e ajuze na luta de um futuro.

O proletariado necessita de ouvir a sua linguagem clara e sem
ambigüidades ou palavras "embaçadas". É isto que nos preocupa
teu encontro.

Estas duas tendências de movimento da classe operária, que
unidade de acção, se bem o entendemos, é a única que nos interessa.

É tão arraigada esta ideia de que a unidade de acção é a única que nos interessa.

libertários que ainda há bom pouco tempo ela se alicerceou mais, quando tive-
mos uma conversa bastante longa com um categorizado militante daquela
tendência, neste campo.

Salamos largamente da unidade da classe operária. De nossa parte
colocamos o problema tal como a concebemos. Eue camarada, depois de nos
ouvir atentamente e referindo-se aos trabalhos teóricos de J. de S., que - segun-
do ele - muito bom compreendeu, afirmou-nos com clareza: - "Eu não acre-
dito nesses conceitos. A C.E.T. ou é libertária ou comunista, ou é dirigida
por nós ou por vocês. O resto são larachas. Tema das organizações tem que
predominar; a rejeição dos pontos de vista de qual quer delas leva à cisão,
porque não queremos que haja uma C.E.T. orientada por princípios opostos
aos nossos. Os massas necessitam de ser educadas em qualquer dos prin-
cípios. Todo o resto, quer de um lado quer do outro, são formas de encobrir
um objectivo que se não põe..."

Rebate-lhe este seu conceito errado, mal compreendido, e afirmei-
-lhe que a C.E.T. odia e devia ser uma C.E.T. de todos os trabalhadores;
nem devia ser anarquista, nem comunista, nem socialista, mas sim um im-
portante centro unificado da luta revolucionária da classe operária contra
os seus verdadeiros. Esta, seria a orientação objectiva dos seus militantes, e
ela comuta de unificação de todo o pessoalmente da unidade de acção.

Mesur de tudo, este camarada libertário ficou-se na sua opinião.
Outro militante libertário, quando há duas falávamos de uma
C.E.T. amiga, dizia: - "É a questão das internacionalis?" Respondei-lhe
que esse problema não tem cabimento actualmente. O que é preciso é
a unidade de acção.

Tudo isto evidencia claramente o que no fundo existe de desejo de
alguns camaradas libertários e como é difícil, com uma tal hospitalidade,
realizar um trabalho sério de frente única sincera entre nós portugueses.

Apesar de tudo, devemos-nos esforçar por realizá-las, por isso clara-
mente os problemas, sem termos receio de qual quer espécie.

No mesmo tempo, tudo isto nos adverte de que não nos devemos
deixar embalar na linguagem "camuflada" de alguns militantes liber-
tários, antes devemos procurar chama-los a um terreno franco
de discussão, onde eles coloquem as suas verdadeiras ideias a respeito da
unidade operária, para assim podermos conversar em terreno firme, de
modo a que eles e nós não sejamos enganados quanto ao que, na verdade,
eles pensam em relação ao futuro. Também somos de opinião que de-
vem contactar intimamente com eles em relação a tudo isto, mas
que eles não tenham dúvidas de que confiamos muito bem as suas verda-
deiras intenções, e não se aramem em pessoas superiores, supondo que a
nossa compreensão de momento que para significa alguma ideológica
de unidade. A nossa intimidade com eles deve ser uma intimidade
e, que, nem eles nem os seus superiores enganando.

O problema de unidade dentro da C.E.T. com os camaradas li-
bertários - de parte deles - um problema de desconfiança opo-
sita entre os dois; é também, e muito concetualmente, um pro-
blema de unidade libertária: uma C.E.T. com todas as correntes de
libertários, mas uma C.E.T. regida-se por princípios fe-
derativos. É que muitos libertários não vêem outra pers-

fectiva para o seu movimento específico, por isso se agarraram à C.G.T. como organização do seu futuro dentro do movimento operário. É esta incompreensão que os leva a estar com "a pedra no sapato" e a não falarem claro. Neste terreno, os nossos conceitos são bem outros, como já demonstramos e dissemos aqui mesmo, quer em acções, quer em fustas, quer em artigos bem trabalhados.

Tomamos uma ~~que~~ que o tempo de que dispomos nos não permita descer a uma análise de pormenorizada de como se podia praticamente iniciar o trabalho geral de unificação dentro da C.G.T. Ficará para uma futura altura. Não entanto, desejamos afirmar que um trabalho desta emvergadura pode e deve ser iniciado desde já à prática, fregando nos próprios membros da C.G.T., embora renovada pelo vespúlio da época que atravessamos e uma aglutinação de forças combatentes se opere desde já à sua volta.

Antes de terminar esta fase da nossa revista, desejamos colocar estes conceitos muito gerais, para que possamos compreender até que ponto este problema, ainda que aparentemente liso, nos surge bem emaranhado no fundo e como nem sempre as palavras "ingenuas" que por si aparecem, do lado dos libertários, traduzem a realidade das intenções.

A C.G.T., para nós, é e continuará a ser um excelente meio de realiação da unidade operária em nossos dias, mas é preciso que toda a gente fale claro para que possamos aferir as as nossas medidas comuns.

Somos partidários de um clima são, que nos conduza à unidade de acção, mas desejamos muito, também, saber com quem lidamos e compreendemos muito bem as intenções que se escondem por detrás de uma linguagem aparentemente muito natural em face dos acontecimentos do passado.

... « O problema do trigo que não foi resolvido quando se apresentava sob o aspecto deficit não foi também resolvido quando agora se apresenta sob o aspecto superavit, com as proibições de exportação, a limitação de garantias de preço, a baixa das tabelas. O verdadeiro problema do trigo continua subsistindo, porque não têm podido ser estudado nos seus fundamentos económicos, porque tem sido sempre separado o problema da cultura isolada da formulação agrícola de cada região, porque se não tem procedido a analisar o problema social e económico que está no fundo da miserável exploração por milhares de famílias se não tem examinado as razões por que há cultivadores de trigo que clamam que o preço pago é insufficiente para compensar de seus labores e existem outros indivíduos que o trigo cocentam não só o seu bem estar mas...
Roma Basto - Inquirição económica agrícola.

FASCISMO?

GES
PCP

DEMOCRACIA?

Positivamente, vivemos num mundo de demagogos. Se bem que sabemos que os representantes da classe burguesa são os defensores acérrimos dessa classe e que, por consequência, as classes trabalhadoras não podem esperar d'elles outra coisa que não seja a defesa d'esses interesses, o certo é que não podemos deixar de salientar a descarada demagogia que os defensores da sociedade capitalista têm utilizado com o fim de ludibriar as massas laboriosas de todo o mundo.

Não nos esqueçamos, nem ninguém esqueça, decerto, o alarde feito por esses cavalleiros contra o fascismo e o nazismo, quando se tratava de direccionar forças para o derrubamento do capitalismo alemão que, pelo caminho que as coisas tinham tomado, representava o maior perigo para o capitalismo anglo-saxónico.

As afirmações feitas pelos dirigentes capitalistas - com Churchill à frente - contra os "estados totalitários", contra a "lei da força" e contra o "fascismo", em "prol das democracias", ecôam ainda no espaço e difficilmente se esquecerão...

- "Trêmos esmagar o fascismo onde quer que ele se encontre!"

Isto, e muito mais, foi afirmado pelos homens que, na America e na Inglaterra, dirigiam a guerra, preparando-a para um ataque em forma, não ao fascismo mas a quella parte do capitalismo que, pretendiã, pela violência, a poderar-se das alavancas de comando e ficar só em campo, senhor do mundo.

É claro que nós sabemos que no proprio capitalismo existem duas tendências - a reaccionária e a liberal - mas sabemos que qualquer delas não deixa, por esse facto, de ser capitalista e de defender os interesses dessa classe em prejuizo da grande massa trabalhadora. Não precisávamos conhecer as tentativas de Hitler e dos seus satélites - para uma aproximação dos dois capitalismo em guerra e a constituição de uma frente única contra a União Soviética - para sabermos até onde o capitalismo, de uma forma geral, pode ir, para a defesa da sua posição de classe dominante.

Qua, sabendo tudo isto, não nos podemos surpreender de que as afirmações e as promessas d'esses homens se tornassem "letra morta" logo que o capitalismo inglês conseguiu tirar a cabeça de dentro de fora, e de tinteio e orgulhado, ao capitalismo alemão como nunca, por esse seu, a confundir-se.

É preciso lembrar o que succedeu. Logo que a grande Allion em se tornou de admissão, o "fascismo" conseguiu a perder a cabeça para a demagogia de Hitler e de Churchill e do

Política de Paz

GES
PCP

facto germano-soviético assinado em 22 de Agosto pertence - a partir de 22 de Junho de 1941, data da agressão nazista à U.R.S.S. - à febre dos arquivos. Não nos enganamos ao afirmar que, desde a última conflagração, não houve tratado que maior repercussão tenha tido em todo o mundo, em especial na Europa, quer ora vida interna das nações, pelos vários sentimentos suscitados, quer nas relações externas desses estados, quer ainda no desenrolar dos acontecimentos desde a agressão nazista à Polónia até à rendição das forças nipónicas, quatro meses depois do aniquilamento do militarismo alemão.

Aqui, neste pequeno recanto do mundo, também aquêl factos acendeu paixões, desferiu castelos no ar da "Política Nova", alimentou novas ilusões e novos erros. Incompreensões por um lado, exageros pela sobre-estimação das relações germano-soviéticas por outro e, ainda, discussões, por vezes acedidas, foram provocadas por esse documento.

Alguns anos depois, a nossa pequena revista publicava um artigo que, pela lógica e clarividência das ideias nele postas por H. P., não podemos deixar de o recordar. A essa altura, essas ideias eram mais baseadas em hipóteses deduzidas pelos acontecimentos que por um conhecimento real dos factos que antecederam esse pacto. Tal o seu valor.

seus colaboradores. E dizemos pública porque nos bastidores havia entendimentos com o tal "fascismo", representado por Petain, Darlan, Franco, Victor Manuel, Salazar... e tantos outros.

O berreiro contra o fascismo era só por mera conveniência de momento, por interesses ocultos. Não correu o governo de De Gaulle, logo após a libertação da França, assim como os governos de outras nações libertadas, a trabalhar relações com o fascismo da Península Ibérica? Com dois governos satélites do Eixo? Não manteve sempre e continua a manter - o governo de S. Magastade Britânica as relações amistosas com Salazar, e até com Franco? Não nega o actual governo britânico (o governo trabalhista) a autenticidade dos governos da Roménia, da Bulgária, e da Hungria e, conseqüentemente, o reconhecimento oficial desses governos?

Pregantamos: Onde está o fascismo? Onde está a democracia?

Estamos certos de que ninguém nos responderá satisfeito e simonolmente.

Também, não precisamos da resposta (Dubiana, ou pilamos saber onde está uma coisa e outra; como sabemos que... mais "democraticamente" ou mais "fascistamente" - o fascismo existe em larga escala. Pelo menos, por enquanto...)

Até, para arrelia o actual chefe do governo inglês, que se criou o hábito de chamar "fascismo" a formas de governo que não gradam à sua "democracia trabalhista", outra coisa não dá

As idéias gerais postas nesse artigo e que eram o mesmo de que nós pensávamos acerca da política da U. R. S. S., nessa altura, provam que nos achávamos por completo dentro da razão. Os documentos já então publicados, mas de que só hoje tomámos conhecimento, demonstram a exactidão da tese que enquadrava o facto germânico-soviético, lógica e conseqüentemente, na política de paz de Fendicça pela U. R. S. S. havia 6 anos após o advento do fascismo na Alemanha.

Os documentos que hoje levámos ao conhecimento de todos os camaradas dão-nos uma idéia geral da grande luta diplomática da U. R. S. S. para localizar o perigo de guerra e combater-lo. As idéias políticas de Joseph Davies, Embaixador dos Estados Unidos na U. R. S. S., e o carácter especial da sua missão, fôdem completamente, a coberto de qualquer suspeita, as suas opiniões acerca da política de paz da U. R. S. S.

Para não alongar demasiado a exposição, limitámo-nos a extrair da sua correspondência particular e oficial e dos seus diários (de diplomático e particular) o indispensável para darmos um quadro sucinto dos acontecimentos desde Janeiro de 1939 a Julho de 1941. Fora da dentro desses limites a que nos impuzemos, damos preferência aos relatos de acontecimentos e discussões que desconheciamos; porém, em todos esses relatos é Joseph Davies que fala, quer ao Presidente Roosevelt e aos seus superiores no governo americano, quer a amigos, quer ainda nos seus apontamentos oficiais e particulares.

(18 de Janeiro de 1939 - De uma carta a Hopkins.)

"... Especificamente, há uma coisa que pode ser feita agora, na minha opinião; é encorajar a U. R. S. S. a permanecer fiel à segurança colectiva e à paz. Os reaccionários da França e da Inglaterra puxaram-na de quarentena a pretexto de que uma guerra acarretaria o comunismo numa Alemanha derrotada e na Europa Central. (referência à guerra de 1914-18). Quanto a mim, a Polónia e a Roménia são ainda um dilema; além disso, os Soviets têm muito a digerir na Rússia. A política de Staline é de paz para consolidar a posição dos Soviets economicamente, isto é o que eles necessitam e eles (Soviets) sabem-no bem. A U. R. S. S. usou da renúncia do seu tratado de não-agressão com a Polónia antes da crise da Tchecoslováquia, a fim de cumprir a sua promessa à França, em embuste com a acção da França e da Inglaterra, que levaram a acção ao cêpo da carrasco com falsas promessas até ao último momento. A política de Chamberlain de lançar a Itália, a Polónia e a Roménia nos braços de Hitler poderá vir a ser completada pela política de desgostar os Soviets, o que conduziria estes a um acordo económico e a alianças ideológicas com Hitler." (Acção do governo soviético foi assumida 8 meses depois, a 22 de Agosto)

(11 de Março de 1939 - Do diário oficial.)

"Comissão de opinião da direcção de Tóquio de Moscovo e a imprensa de hoje deram relatos na intenção de fazer de Staline o cêpo da política externa da U. R. S. S., promovendo a crítica diante a sessão de 18º Congresso do P. C. U. É a mais significativa e característica de entre as difamatórias lançadas aos abutres da fronteira de que os Soviets estão cansados da oposição "não-realista" daquelles que dizem: Staline disse, em 1938:

1) "Nós queremos paz e relações amigáveis com todos os países e desejamos, também, fortalecer os nossos laços comerciais onde quer que seja possível."

2) "Nós procuramos relações de vizinhança, particularmente com os países e mistrojes;"

3) "Nós apoiamos os povos que têm sido vítimas de agressão na sua luta para preservar a sua própria independência;"

4) "Não rejeitamos nenhum agressor e estamos prontos a dar uma 'dupla resposta' em caso de ataque, quer do leste, quer do oeste;"

Ele prosseguiu dizendo que os "estados não agressivos" e particularmente a Inglaterra e a França, estavam "cedendo cada vez mais" e "fazendo concessões após outras" aos ditadores. Eles repudiaram completamente a política de segurança colectiva, disse Staline, e o plano de frente única de protecção contra os "bandidos".

Mais significativa foi a sua acusação de que aqueles dois países estavam incitando a Alemanha, no próprio interesse deles, a atacar a U. S. S. R.; que o propósito deles era equívoco e habilitava-os, depois do exaustamento dos combatentes, a intervir "no interesse da paz" e a ditar as condições da paz, somente na base dos seus próprios interesses.

Proseguindo, Ele (Staline) disse que a França e a Inglaterra tinham dado a Austriia e a Alemanha, tinham violado as suas promessas de "coexistência pacífica"; e agora publicavam "mentiras" na imprensa acerca da fraqueza do exercito russo e da desordem na União Soviética, a fim de impelir os alemães para a guerra contra a U. S. S. R., sobre a teoria de que os russos seriam uma fácil presa. "Isto é muito semelhante" - disse - "a um embaraço do agressor".

(21 de Março = De uma carta ao senador Hoffman.)

"... As últimas semanas dirão qual será a porta que Hitler tentará fechar primeiro, se a de leste se a de oeste. É axiomático, na estratégia militar correcta, que ele não lutará em duas frentes ao mesmo tempo. Os relatos que o E. M. I. C. tem publicado em revistas técnicas, parecem ter amortecido o grito de Hitler pelo Drang nach Osten (Marcha para o Leste). Das informações que obtive de fontes autorizadas, e em que eu creio, Hitler está fazendo um desbaratado esforço para separar Staline da França e da Inglaterra. Receio que ele o consiga. Se ele alcançar o seu designio, poderá voltar a sua atenção para Occidente sem receber nenhum ataque de leste".

(3 de Abril = Do diário particular.)

"... Aproveito a ocasião de tratar da situação russa, em geral, e do Kennedy (embaixador americano em Londres) e sugestionei-lhe que ele disse, da minha parte, a Chamberlain: 1) que se eles não fossem cidadãos americanos Staline nos traços de Hitler; 2) que a Inglaterra e a França desferiram a U. S. S. R., seu aliado, excluindo-a de Munich; 3) os Soviéticos não confirmaram suas potências ocidentais europeias e receiam que elas estivessem tentando utilizar a Rússia como instrumento e deixarem sozinho a combater a Alemanha; 4) que Staline desejam a paz acima de tudo; 5) que podiam discutir com Hitler, para melhor base para a sua segurança, pelo menos durante o futuro..."

"... Os soviéticos estavam tentando desesperadamente colocar a guerra, a não ser que se sentiam seguros, por planos de segurança..."

derância de força, que eles combinados com a França e a Inglaterra podiam bater Hitler no caso de uma guerra, ou amedrontá-lo antes das hostilidades, fazendo-o notar de que ele teria de combater com as três nações em caso de agressão. Eu estou convencido que Hitler está empenhado em afastar Staline de Chamberlain e de Reynaud porque é vital para o seu sucesso militar que ele feche a porta oriental para atacar em occidente. O único homem que aqui (na Inglaterra) aprecia a real eminência do desastre é Winston Churchill".

(11 de Maio = do diário particular.)

"Enquanto o Ministério dos Estrangeiros Britânico está trabalhando na teoria de que os "acordos unilaterais" pelos quais a Gran Bretanha garante a defesa aos pequenos Estados contra a agressão terão por consequência a "segurança colectiva", Hitler está tornando vantagem da incerteza e "diárum estício" convidando os Estados Bálticos e Escandinavos a entrarem imediatamente em pactos de não-agressão com ele. Hitler "obterá alguns deles". Todos esses países estão terrivelmente amedrontados. O prestigio alemão tem aumentado extrasordinariamente e a confiança que nos habilita de que na vontade das democracias, em dar segurança e uma ajuda real, tem diminuído rapidamente. A reacção dos pequenos países é frenética e tem a esta na reactiva directa da sua proximidade da Alemanha e do receio que lhe tenham".

(16 de Maio = de uma carta ao secretário de Estado dos E.U.)

"... A noticia da substituição do Comissário de Paz para os Estrangeiros Litvinov por Vacheslav Molotov causou sensação aqui (Bruxelas) no Corpo Diplomático.

Uma teoria que foi afirmada por dois representantes diplomáticos de países adjacentes à Rússia e que, creio, conhecem muito bem a situação russa, é a seguinte: a) Staline não tem confiança nem na França nem na Inglaterra e receia que a U. S. S. possa ser envolvida na guerra europeia e abandonada a si própria; b) Eu o discurso de Staline proferido no 18º Congresso do Partido, em Março passado, indicou definitivamente uma disposição para um afastamento das actividades soviéticas em relação à Europa e uma tendência de ser absolutamente cauteloso "para não permitir que o nosso país seja arrastado aos conflitos pelos traficantes belicosos que estão acostumados a que os outros tirem as castanhas do lume para eles"; c) Que a posição soviética é de similitude destanda a paz, por razões quer económicas quer ideológicas; d) Que o governo soviético está intolerante e descontente com os métodos pacifistas agora empregados e crei que os agressores apenas compreenderão positivamente e ouzadas alianças militares se que só estas poderão assegurar a paz. Molotov assegurou em 1938 que a única maneira de assegurar a paz era impedir a política agressiva da Alemanha pela organização de um eixo de aço à volta da qual se constituissem países europeus amantes da paz; e) Que Litvinov nos últimos tempos não conseguiu persuadir as potências occidentais destas ideias; f) Que ao novo ministro é exigido lançar uma linha realista, mas digna, de política diplomática que, eu asseguraria uma segurança de longo prazo aos assuntos britânicos e adequada aos agressores, ou levaria a uma situação de "virescitur se para dentro de si mesma".

Qualquer destes diplomatas são de opinião que a demissão de Litvinov pressagia dificuldades para as negociações diplomáticas britânicas em curso e que a impossibilidade de se ligar à Inglaterra teria um sério efeito sobre a paz europeia, o que seria fatalmente demonstrado por uma provável e rápida acção de Hitler contra a Polónia.

(31 de Maio = Do diário oficial.)

A Rádio de Moscorvo e a imprensa divulgou o discurso de Molotov à cerca da politica soviética estrangeira. Molotov declarou que o governo soviético não comentaria a situação internacional, que tinha prioridade extraordinariamente. O tratado de Munique foi amargamente atacado.

Molotov afirmou: "Nós somos pela paz e contra a agressão, mas recuamos o aviso de Staline, de que não podemos ser utilizados para tirar para os outros as castanhas da fmei." Prossequindo, estabeleceu e enumerou o minimo de condições que a União Soviética exigia antes de entrar num pacto com a França e a Gran. Bretanha. (Essas condições são:

- 1) A imediata conclusão de um pacto de assistência mútua de um caracter exclusivo e defensivo entre as três partes;
- 2) Se deve dar a garantia contra qualquer ataque contra Estados não agressores, na Europa central e ocidental e esta garantia deve incluir, sem excepção e especificamente, todos os pequenos países que limitam a U.R.S.S.
- 3) Deve se estabelecer, em definitivo, concreto e especifico acordo pelos três países quanto à forma exacta, extensão e espécie de assinatura que deve ser dada ~~avinda~~ em caso de ataque e quando é se dá.

A Inglaterra e a França não satisfazem as exigências de um completa reciprocidade e igualdade de obrigações nas suas propostas. As propostas britânicas não incluem o acordo de ajuda que a Inglaterra e a França dariam à U.R.S.S. se esta fosse atacada e, em segundo lugar, não garantem contra a agressão os pequenos países vizinhos da U.R.S.S., de que cobrem a fronteira noproeste soviética, no caso destes países serem incapazes de defender a sua neutralidade.

"Tais concessões ao principio de reciprocidade como foram oferecidas, declara Molotov, estavam tão simuladas que elas seriam um fictício passo em frente".

As novas propostas inglesas, disse êle, não fazem nenhum progresso em relação às garantias dadas aos Estados Bálticos. Se conclue a afirmação de que foi pedido ao governo soviético para assumir a obrigação para assistir dos cinco países da Europa Central, cuja segurança é vital à França e Inglaterra. O governo soviético recusaria assumir tais responsabilidades se eles as não assumissem em relação aos Estados Bálticos, cuja segurança e neutralidade era vital à U.R.S.S.

Athusa de conclusão, Molotov terminou o seu discurso com esta provocadora sugestão, que parecia ser trazida "pelas orelhas" e claramente propósito: "Nós não recusamos melhorar as nossas relações comerciais com a Alemanha. As negociações podem ser iniciadas".

(18 de Julho = Do diário particular)

"... Ele (Rabucelo) perguntou-me o que sabia das negociações com a França e Inglaterra. Se disse que eram completamente abortido com elas. Era assunto de nível comum entre os

... com Kruceles que Hitler conduriria todos os esforços para separar a U.R.S.S. das potências ocidentais. Eu disse-lhe que uma irracionalmente perssonagem da Europa me transformara que Hitler e Ribbentrop estavam confiantes em atingir esse objectivo. O Presidente pediu ao Embaixador soviético, Gromyko, de partida para a U. R. S. S., que dissesse a Staline que se o gover no soviético se juntasse a Hitler, este, tão certo como a noite se esca ao dia, atacaria os Soviets logo que tivesse conquistado a França?.

(22 de Agosto (data da assinatura do pacto germano soviético) - De uma carta a Summer Wells.)

"... Como os meus anteriores relatos, que escritos quer orais, a vós e ao de- partamento, indicavam, o desenvolvimento deste pacto de não-agressão entre a U. R. S. S. e a Alemanha não é para mim inesperado. Os meus relatórios data- dos de Moscovo há dois anos, apontavam claramente que se podesse haver paz na Europa seria uma paz fascista, imposta pelos ditadores, a menos que a França e a Inglaterra criassem um eixo na direcção de Este, a Oeste (pe- la inclusão dos Soviets e estabelecessem um "equilíbrio de poderes" que con- servaria a paz.

...! Durante a hermanência de Gromov no Comiss. do povo para as Rel. ções Exteriores, havia um forte impulso moral de hostilidade para com a Honre- nha e outros poderosos agressores. Durante aquele período o regimen soviético, na minha opinião, tomou vigorosa e diligentemente a frente com um con- tra o agressor e, por a concepção advogada da "indivisibilidade da paz".

A hábil batalha de Gromov pela paz e pelas idéias democráticas na Liga das Nações e a atitude vigorosa da União Soviética, preparando-se para lutar pela Checoslováquia, foram indícios de uma real sinceridade de propósitos e de uma acentuada magnanimidade. Contudo, começando por Munich, e mesmo antes, houve uma acumulação de acontecimentos que gra- dualmente paralisou esta atitude da parte do governo soviético.

Durante a minha permanência em Moscovo (1934-1938) fiquei muito impressionado com o facto de que os russos estavam indubitavelmente convencidos do que parecia ser uma política de "aparelamento a Hitler" e da atitude de superioridade e de "falas sobranceiras" que as missões diplomá- ticas das potências ocidentais assumiam em relação aos Soviets. O governo soviético é naturalmente orgulhoso e ressentiu-se profundamente desta atti- tude. Então, seguiu-se uma série de acontecimentos que agravaram as relações entre os Soviets e as democracias ocidentais.

Os Soviets foram "humilhados" e "profundamente feridos" por te- rem sido excluídos de Munich.

Sobretudo, creceu ainda mais a desconfiança no que dizia respeito ao go- verno soviético, quer quanto à capacidade e à intenção, quer mesmo quanto à "palavra dada" dos governos de Daladier e de Chamberlain.

Os presentes soviéticos de uma "aliança realista" para detur Hitler fo- ram revistados pelo governo de Chamberlain. Este se teve em consideração os com- timentos dos Helados e dos Estados Unidos.

Durante as negociações soviético-anglo-francesas, incluindo as sessões da comissão Stimson e as reuniões militares, em Moscovo, a duenhiança foi intensifi- cada. Estas autoridades não tinham poderes para concluir uma real aliança.

A suspeita de que a França e a Inglaterra estavam desorientando um jogo diplomático para colocar os soviets na posição em que a Rússia teria de lutar semelhante com a Alemanha, continuou a crescer.

Deixei vieram as propostas de Hudson para reabilitar economicamente a Alemanha...

(10 de Outubro = De uma carta relatando uma conversa com Kubini, embaixador soviético em Bruxelas)

... Particularizando, ele (Kubini) citou-me o que se segue:

a) Ele a 2. N.S.S. tinha advogado a "segurança colectiva" e a "indivisibilidade da paz" no sentido de assegurar uma combinação prática das nações não agressoras na Europa para reprimir a Alemanha.

b) Eu ditador tinha prosseguido nessa política na situação de Espanha, no Comité de Londres e na Sociedade das Nações;

c) Eu o seu governo tinha comunicado à Polónia - 56 dias antes de Munich - que no caso de agressão à Tchecoslováquia, cancelaria o seu pacto de não agressão e que estava preparado para lutar pela libertação de Tchecos;

d) Que em Abril deste ano, em resposta à pergunta de Chamberlain se os soviets se fiantariam à resistência contra a Alemanha se esta atacasse a Polónia e a Roménia, o seu governo disse que sim e propôs uma conferência das nações não agressoras para decidir o plano de acção, que era "a única linguagem que a Alemanha podia compreender".

e) Eu Chamberlain recusou essa conferência e, enquanto ouviam um subordinado a Moscovo, sem poderes, assim como a missão militar, também com autoridade, e a formas com "conversa para dar", ele dirigia-se pessoalmente a Berchtesgaden, de avião;

f) Que a França e a Inglaterra recusaram garantias aos Estados Bálticos em caso de agressão, no qual os soviets teriam de combater sozinhos;

g) Que a Polónia e a Roménia tinham obstinadamente recusado a ajuda do Exército Vermelho.

E, em virtude disto, o seu governo convencera-se que não havia possibilidade de cooperar com as potências ocidentais... tanto mais... que o seu ponto de vista era que, em última análise, o presente conflito era simplesmente a luta entre o Império Britânico, que ^{procurava} dominar o mundo e a Alemanha que exigia o mesmo direito?

(26 de Agosto = Do diário oficial)

... Um dos ministros mais proeminentes de Beck afirmou-me que o seu governo mostraria ao mundo o valor do exército polaco; que dentro de três semanas após o rebentar da guerra, as tropas polacas estarão em Berlim; que a Alemanha Siegfried era apenas uma linha de algodo; que a Polónia não necessitava dos russos para lutar dos alemães, o que eles faziam sós e rapidamente.

... Eu declarei-lhe que recuso que visse a altura, talvez, em que me viria se de ajuda, inclusivamente dos soviets, para se salvar e que era um péssimo raciocínio não empregar água para apagar o incêndio que do dentro a casa, com receio de molhar os pés e a família, parcialmente, uma confissão?...

(12 de Outubro = de uma carta para Sumner Well)

... A sua atitude (dos soviets) para com a Turquia, a Roménia...

os países Bálticos e Polónia é igualmente consistente com uma intenção pacífica e não com o propósito de ajudar a Alemanha.

... Para efectuar a sua segurança, naturalmente os soviets desejariam afastar a sua fronteira ocidental, tanto quanto possível, para longe da Bacia de Don e de Moscow, como fronteiras com o eventual e possível inimigo - a Alemanha. É também vital para a sua dupla estratégia e económica, e trata o seu domínio abstratamente geográfico, que eles procurem o seu acesso ao Báltico, com bases enclausuradas abertas directamente para o mar?..

(28 de Novembro = De uma carta a Hopkins.)

"... o abandono da civilização alemã no Báltico, a integração na U.R.S.S. da Rússia Branca e Ucrânia polaca... em troca de uma neutralidade, foi para Hitler o resultado desejado. Ninguém diria, nem os melhores informados, que a Alemanha pagaria tão caro a Rússia o encerramento da fronteira oriental quando atacasse a Polónia?..

(29 de Novembro - do diário oficial.)

"Ele (Hitler) renunciou ao Báltico e permitiu o desmembramento da civilização alemã, ali fundada há 400 anos; Ele separou-se mais da Ucrânia e limitou-se a uma influência económica sobre a Roménia, Bulgária e Grécia. O curso russo não apoiará os alemães no Mar Negro. Considerando o grandioso espaço do espaço vital, que Hitler pregou ao seu povo e ao mundo, é ridículo de achar-se limitado a esta pequena área?..

(30 de Março de 1940 = do diário particular.)

"Molotov disse ontem no seu discurso, perante o Supremo Conselho de Segurança: - Nós devemos manter a nossa posição de neutralidade e limitar a nossa participação na guerra entre as grandes potências?..

Esta afirmação com mais uma vez refutar as sugestões de intervenção de novas consultas entre a U.R.S.S. e a Alemanha, no caso da França e da Inglaterra prosequirem a guerra. Isto não é nada satisfatório para Hitler?..

(5 de Abril = do diário particular.)

"Um tratado de amizade e não-agressão foi assinado entre Jugoslávia e a U.R.S.S. Ele contém a extraordinária afirmação: "Que se uma das partes contratantes for atacada por um terceiro estado, a outra parte contra-ataca com promessas de a perscrutar, na sua política de amizade?.. Certamente, o terceiro estado referido é a Itália ou a Alemanha?.."

(9 de Junho de 1941 = do diário oficial.)

"Gumansky, embaixador russo em Washington, afirmou-me que os planos do seu governo não prevêem uma nova sede do governo no interior, se Moscow cair e ameaçar a segurança de uma independência e auto-suficiência do país, com abastecimentos próprios que seriam mantidos em reserva para tais novas bases. Os planos de campanha, que os estrategistas da U.R.S.S. tinham elaborado, não encerram nem permitem uma batalha decisiva, como alguns estrategistas e comentaristas parecem pensar. O plano exigia uma retirada de recuo, para a fronteira do inimigo para o interior; entendendo a linha de comunicações e

uma retirada a Sigulvõja no dia 6 de mesmo mês.



DUAS PALAVRAS

GES
PCP

O campo da luta revolucionária encontramos constantemente tremendas dificuldades. Passam os por ultrajes que nos ferem profundamente; sofremos prejuízos irreparáveis à nossa própria saúde e quantas vezes o nosso lar é desfeito e abalada também a saúde das nossas famílias. São uma verdadeira dedicação à causa, uma forte tempera revolucionária, com

segue resistir e prosseguir nesta tremenda batalha que nossos pais nos legaram e que por nossa vez legaremos aos nossos filhos. A luta é árdua, os espinhos que encontramos no caminho, dolorosos, mortificantes; mas que fazer? A perfeita consciência que temos dos nossos direitos impeli-nos sempre e sempre para a frente, na conquista de posições que os nossos adversários, por ora mais fortes, detêm e defendem desesperadamente, sem sombra de escrúpulos nem respeito pela vida de milhões e milhões de trabalhadores. É justamente essa noção de direito que vemos espezinhado, a moeda que prime todas as nossas actividades e nos dá forças para a luta. É ainda apoiados no fundamento da moral revolucionária, que nós adquirimos a tranquilidade da consciência e a certeza de que cumprimos a missão que a história nos impôs e não recuamos o ombalé de ja do que for, venha de onde vier, e, finalmente, nos encoraja a não recuar de cada posi-

de abastecimento e, gradualmente, "gastar" o inimigo, fazendo-o pagar caro por cada arma.

(18 de Junho de 1944 - de uma carta a Klopkins.)

... "Nenhuma outra guerra a não ser a dos sovietes, vive mais claramente e com maior exactidão o que Hitler esteve fazendo e o que essa decisão para preservar a paz e impedir a guerra de Hitler. Não interessa que fosse por motivos ideológicos ou para salvação de seu próprio povo".

Damos por concluída a nossa tarefa. Perceba-nos que o nosso objectivo de dar conhecimento sucinto do que foi a política da U.S.S.R. no período mais agitado que antecedeu à grande conflagração foi atingido.

Joseph Stálin que, notado por uma visão prática e factual dos acontecimentos, conseguiu em 15 de Janeiro de 1944 revelar o carácter genuíno soviético, pôde nos revelar também em contra-contraste com os achados mentais daquela época e, ainda mais, pelas suas próprias palavras, apresenta-nos logicamente e consequentemente a evolução da política soviética.

conquistada.

A vida é fardo pesado... numa sociedade em que as riquezas são pertença de uma minoria. Para que a vida seja digna de ser vivida, para que a Humanidade seja feliz, o homem não pode ter de envelhecer pela senda do esforço e da sua própria vontade a tudo tem de resistir, a tudo tem de vencer, com calma, com serenidade, quer na defensiva ouer na ofensiva.

É a inteligência e a oração que devem presidir e orientar os nossos actos. Os nervos, êsses difficilissimos e racionisimos e quasi sempre fuscados os nossos sentimentos, até mesmo aos olhos dos nossos companheiros. São os nervos, quando os deixamos agir livremente - desta liberdade ao desequilíbrio vai uma prolegata - a causa de muitos desgostos e atritos entre revolucionários e leva, ao demais das vezes, os mais bracos ao cansaço, à desistência da luta. Os nervos fentos a funcionar desordenadamente, actiam como foderoso dissolvente na homogeneidade revolucionária. Cada um de nós tem dentro de si um perigoso inimigo. Para vencer os adversários da nossa classe, é imprescindível que dominemos os primeiros, e completamente, o inimigo que trazemos dentro de nós.

Está dove estar sempre no centro das nossas preocupações. Uma vez que o revolucionário alcance o domínio de si próprio, possa ante qualquer emergência pensar calma e firmemente, ganha prestigio, atrai simpatias e alcança a necessária confiança de todos, torna-se um militante querido e um quadro util do Partido e da Revolução.

Nestas palavras vai a minha contribuição para o número do segundo aniversário do nosso Partido Teórico?

Os camaradas que tão proficientemente o têm orientado, e dirigido o nosso feal em grupo político e de solidariedade, preste também o meu preito ao seu espirito de sacrificio e aos esforços que têm empregado para a temificação de todos os presos anti-fascistas e para o prestigio do P.C. e de nós todos.

É para terminar, agora que vão regressar à liberdade tantos dos que a meu lado viveram, nestes nove longos e ferosos anos de deportação, apelo para os que partem para que prossigam na luta com o mesmo fervor e que apertem, se mais for possível, os laços de solidariedade com os que ainda ficam presos nas garras do fascismo, longe da familia, à mercê dos carcereiros e da morte e de os espiritos fentamente, mas que, apesar de tudo, continuam firmes no seu posto de combate e cheios de esperanças no porvir da nossa Revolução.

GES
PCP

Campo da Morte

Depois de nove anos de existência nefasta, parece que se aproxima finalmente a data da extinção do Campo da Morte, do Tarrafal.

Trinta cruces, salientando-se do terreno árido, ficam marcando amargamente no pequeno cemitério, que se encontra deste rectângulo de arame farpado, a passagem por este Campo de algumas centenas de anti-fascistas portugueses.

São trinta companheiros cuja lembrança nos acompanha não lá fora. São 30 homens que, vítimas do clima pialustre em que este Campo maldito foi propositalmente criado, das sevícias das carcereiras e dos crimes do médico que durante cerca de 8 anos a polícia nos proporcionou, não mais poderão volver a estreitar ao seu coração os entes queridos que ocuparam o seu último pensamento na hora da morte inglória que os vitimou.

filhos, esposas, noivas, pais e irmãos que não voltarão a contemplar os entes queridos que aqui deixaram a vida.

O fascismo procurou bem realizar a sua obra de destruição humana contra os anti-fascistas que lançou para este Campo maldito, e se mais não amigulou foi porque a mesma vontade forte e temerada ao calor do ideal resistiu altivamente ao sopro do seu ódio.

A "Frigideira", anti-câmara da Morte, fica - qual padrão que os navegadores outrora erigiam em terras diante de um naufrágio - a atestar a cruera de ânimos dos homens do fascismo encarregados de nos imolar no altar do Capitalismo.

O nome maldito de Emérito Pais Bastos, desse homem sinistro que sendo médico é uma rãdoa aviltante para aqueles que médicos são e que como tal sabem que a sua missão é um sacramento em prol da humanidade, jamais se a pagarão da mente da que por aqui passaram e aqui sofreram.

Como médico e como homem era um monstro de alma formada na escola de Hitler.

Como ele sorria interiormente, satisfeito, quando contemplava impávido os camaradas ~~em~~ que se debatem nas varcas da morte. Cada um que morria para um inimigo com quem o fascismo continua a lutar, para quem continua a liberdade e a fraternidade humana!

A NOSSA GENTE

GES
PCP

O nosso "Reduto Teórico" passa com este número o seu segundo aniversário natalício. Já diz coisas muito acertadas, como os
... ainda desembracada doente, e... já não mama.
Está, portanto, em festa. Todos vós - amigos do "Reduto" - to-
mamos parte da sua alegria, como tomamos parte nos seus despes-
tos. Saudamo-lo pelos seus passos certos e firmes no longo e tortuoso
caminho que tem percorrido durante estes dois anos.

No "pessoal" da redacção, recordemos-lhe as nossas homenagens pelo seu esforço titânico que, sem dar mostras de cansaço, tem demonstrado um vivo entusiasmo num trabalho tão árduo e melindroso, e, em especial, ao camarada Director, pela forma sábia e persistente como orientou os primeiros passos do "Reduto", órgão que se propõe à preparação de quadros do P.C. e, por consagração, à defesa dos interesses dos trabalhadores portugueses.

Sabemos que nem sempre tem sido tarefa fácil dar ao "Reduto Teórico" tudo quanto Ele necessita para ilustrar as suas páginas, mas

A sua missão, aqui, cumpria-se - Ele passava mais uma certidão de óbito. No diagnóstico de morte poderia escrever-se: "assassinado pelo fascismo?..."

Uma centena de camaradas vai regressar dentro em pouco ao continente. Pouco mais de meia centena ficaram ainda aqui aguardando um pouco mais o último estertor do fascismo agonizante. Aos que ficam animamos a certeza de que o homem que presentemente é médico neste Campo - o Dr. Pedro José de Azevedo - desempenha real e insofismavelmente a sua humilde função de médico. É também essa certa animadora que acompanha os que partem feraceros de ainda aqui deixarem umas dezenas de companheiros de luta e de sofrimento.

Os que partem aguardarão um dia a chegada dos que ainda ficaram. É lá fora que todos somos precisos. A vida chama-nos para a luta e de onde to-
dos os anti-fascistas que regressamos os que tiverem ainda condições para isso
ocorrerem os à chamada.

Os que ficam, para sempre roubados à vida, imolados pelo ódio cru do fascis-
mo, legaram os que regressam, a missão de os vingar, combatendo por qual quer
meio para a aniquilação do criminoso regime da opressão e repressão que aqui
se vive.

E os mortos não serão esquecidos pelo povo.

No mundo travou-se uma feroz luta armada, entre a liberdade e o fascismo. O rumo das batalhas não se extinguiu ainda totalmente e os homens de bem não dispõem-se a eliminar da face da Terra os últimos vestígios do fascismo, para que uma nova via de democracia e de liberdade se abra à humanidade numa vida melhor.

Portugal, um dos últimos redutos do fascismo, também os seus homens de bem não dispõem-se a colaborar nella obra de limpeza

isso é devido ao reduzido número de pessoal técnico e de colaboradores. Há um desenhador somente. Este é, de facto, um artista de bom gosto e de profundos conhecimentos da sua arte. trabalha com esmero e grande perícia técnica. Mas falta-lhe o tempo para todos os seus afazeres — sobretudo para discutir e... tocar!...

Há um só "compositor" que, ao mesmo tempo, faz as vezes de "impressor" e "paginador". Com põe e imprime com a maior destreza. A modicada que está imprimindo vai acompanhando com a língua os movimentos do aparato — "rotativo" com que é feita a impressão do "Re duto Teórico"... Se num desses momentos de "lábula", o vizinho do lado tange as cordas de um pré-histórico bandolim, ei-lo a arregalar os olhos por cima dos óculos, fazer uma careta de tóucinho rancoso, tirar as "cangalhas", largar o trabalho e pôr-se a "cavar" a caminho da rua! Com o apuro de hoje ou dez minutos depois volta, de novo, a fumar um cigarro "chumga". Para a porta e observa o interior da "Gucima". Se o vizinho já deixou de tocar, entra, avança até à "secretaria", olha em volta de si e senta-se. Tõe de novo os óculos, examina o trabalho abanacado há pouco, pega na lâmina que lhe serve de estadeira e, com um gesto de arredumê, dá um raspaço e põe-se a trabalhar. Mas se o "amigo" ainda continua com a música do "hi-ô-linda", dá meia volta, pisa a língua e desaparece...

Às vezes, ao receber um original, e depois de o ter lido por alto, chama por mim, que moro em frente dele:

- "O compadre salário!"

Diga, diga! — responde eu.

"Não sei ble quem é este artigo. Me, que ouvir?"

"Temha a bondade..."

- "Então oica!"

Aproxima-se sorridente e lê quasi em surdina:

- "... Visto o problema de baixo d'este ângulo, não se podem tirar outros conclusões. As coisas têm de ser analisadas dentro d'este quadrante?"

- Não há que ver — conclue —, isto é do rosso matemático!

E depois dá uma sonora gargalhada que se ouve nos quatro cantos do acampamento.

Outras vezes aparece-lhe um artigo em que uma grande quantidade de palavras vêm apenas começadas, isto é, que têm de ser odivinhadas...

Então, o camarada "impressor" exclama logo:

- "O compadre salário!"

- Diga, diga, faça favor. É ele, confidencialmente:

- "Este é o som d'ouvido, do camarada economista cá do "Reduto"

Assim como não come para não perder tempo, também deixa as palavras em meio... para poupar tinta e um pouco de espigo. Eu já os "tipos" a língua!!...

e someramente que toca todos os pontos de glóbo.

É nós, que durante anos sofrimos as agruras do fascismo, que somos comparticipar na luta travada e ocupar o novo lugar nas fileiras dos combatentes.

A luta, pois, camarada!

É solta outra enorme gargalhada. Mas é um óptimo camarada; excelente "profissional" e um incansável lutador. Mantém o cérebro fresco e vivo como as pétalas das flores, apesar de lhe terem passado já por cima as nevadas de cinquenta e quatro fêmeiros - além de um trabalho intenso e atroz sofrimento...

O camarada Director é talvez quem tem o trabalho mais exaustivo na confecção do "Reduto". Além da orientação da sua linha política, tem de fazer de "chefe de redacção", de revisor e de "cirurgião" do "Reduto". Tem de mostrar-se incansável de um desvelo heróico e impecável. Não se tem des-^{gosto}çado um ápice da linha que traçou desde início. Cada número do "Reduto Teórico" que vem à luz da publicidade é uma dúzia de cabelos que lhe desapaiecom do crânio, já um tanto resplandecente pelo ter passado das tempes-
tades...

É eis, em resumo, todo o "jornal técnico" do "Reduto Teórico". São modelos dignos de toda a nossa consideração.

O aparecimento do "Reduto Teórico" produziu, na verdade, gran-
de sensação no "mundo terrafalense". Os profetas do "plano incluído" pre-
feticaram logo que as suas páginas iam ser imensos reservatórios de
bêlles e sapiência, sem nada de construtivo para a Revolução Proleta-
ria - *abixiam* eles.

São defeitos visuais d'esses ilustres desconhecidos... pseudos doctores, que chamam os ferários honestos por "cima do ombro", como o elefante
chama o léparo que tentasse fagar-lhe sombra!

Desconheciam até que ponto se a capacidade revolucionária
é a herica frica de antigde deste punhado de veteranos lutadores. Des-
conhecem que os trabalhadores possuem, em grau bastante desenvol-
vido, o instinto oncararilhoso de descobrirem os oportunistas on-
de quer que eles se encontrem!...

Como vêem, o "Reduto Teórico" é filho de pais robustos e de compleição sáudia: por isso ha-de viver e prosperar. Foi criado para' arquivar verdades - às vezes sem emargas para todos nós! - e expôr a nossa forma de pensar, de agir e de encarar os problemas contemporneos.

A época que estamos atravessando, passada de dolorosos acontecimentos e a maior emvergadura de toda a História Humana, não é para ser desperdiçada em cretinismos inúteis e mesquinhos. É ba-
seado neste princípio que durante estes dois annos o "Reduto Teórico" tem pugnaído constantemente pela unidade de todos os portugueses sinceros, amantes da liberdade e do progresso. Esta tem sido a missão fundamental de nossa jovem "Reduto", que agora completa dois annos de existência, sem dar mostras de fadiga ou de aprofamento no com-
bate que encetou...

Não temos a pretensão de que o "Reduto Teórico" seja infal-
vel, mas embreçamos todos os esforços para que êe acerte o me-
lhor possível em holocausto da colectividade portuguesa.

Por isso, os amigos do "Reduto Teórico" bem seje uma
parada do famoso licor do "Chão Rom" à sua saúde.

Até, "Reduto Teórico"!
- Xilo -

CONSIDERAÇÕES

GES
PCP

Nas condições especiais em que temos vindo a impôr-se, as que praticamos, deixaremos aos que ficam algumas palavras sinceras e revolucionárias, palavras que expressem o verdadeiro sentimento de solidariedade que existe de todas as vicissitudes, nos tem unido e a nossa interpretação consequente é real de alguns actos aqui praticados e que, por mais de um mês, nos tem causado preocupação e mesmo alguns desgostos.

Para além das prepotências dos carcereiros, às quais temos sabido impôr a nossa capacidade revolucionária, tivemos que enfrentar a calamidade e acatado da política baixa e desordenada da C.C.P.; em todos estes aspectos é o nosso fuqumo que foi uma prova de quanto se pode fazer com ponderação e boa vontade. Certamente, e com essa boa vontade, criámos condições para nos defendermos da levandade da C.C.P., que, na sua cegueira política, tocou a uma atitude premeditada, lançando na "lei da fome" camaradas que sempre cumpriram com os seus deveres, e dos quais o Partido Comunista se pode orgulhar de os contar entre os seus desolados defensores.

Com decisão, apesar da calamidade sistemática, temos realizado trabalho prático, exemplo que ^{se dá} camarada, ao transpor a fronteira deste Campo, com destino ao Continente, deverá seguir, porque, deste modo, não só continuará a servir dignamente a causa dos trabalhadores, como também dará a mais provada demonstração de solidariedade aos que ficam cooperando a sua luta de libertação.

Tem-nos a prisão fornecido momentos agitados em consequência de uma série de questões e atitudes que vão, dado a sua complexidade heterogênea, desde as divergências políticas com todos os seus pessimistas resultados, até à deleção por parte de indivíduos que, sem dignidade e alheios aos ideais revolucionários, a tão nos postos há, pois se têm prestado. Certamente que toda a situação anormal que atravessamos há longos anos pesa sobre nós e agravada com as divergências que todos nós conhecemos, a prática de más acções de alguns presos, todo este estado de coisas nos tem levado a pensar no futuro e no nosso passado preenchido com decisão e boa vontade. Cada um terá tirado as suas conclusões, umas mais optimistas, outras, possivelmente, pessimistas.

De todos os choques havidos aqui na prisão, a nossa sensibilidade e saiu mais ou menos abalada. Não tem estas linhas por finalidade salientar casos pessoais nem tem por fim deixar a quem os lê, a impressão de que quem os escreve sofre uma desilusão com o que tem presenciado neste campo de concentração. Não! longe de me localizar na observação de cada caso que me tem ferido a sensibilidade, coloco-me no ponto de análise geral, isto é, na observação de quanto é capaz o ser humano, quer na prisão quer em liberdade.

Schopenhauer - desculpem-me a citação - classificou o ser humano de animal metálico. Esta classificação causou, ao ser cophecida, os seus desenhos em alguns dos seus contemporâneos, e ainda hoje muitos indivíduos colocam os rubros sorrisos ao recordar-na. E todavia, o ser humano é um ser que se interessa sobre vários problemas e procura dar-lhe saída; é um ser que os expõe com precisão e que de quando em quando, progridimos sempre.

lugar ás várias civilizações. Mas quando Schopenhauer classifica o ser humano da mesma a forma citada, não ficou a estas realidades - segundo me parece, e peço a mim se erro - pois o ser humano coloca para si uma série de problemas os quais pela sua subtilidade estão compreendidos na metafísica, e visto que o ser humano reúne condições para os resolver, prova a sua mentalidade da na metafísica, não se desorientando perante a verbosidade de tais problemas, racional e dá-lhes solução. Daqui, a conclusão a que chegou o citado filósofo.

Dentro do campo psicológico, avaliando os poderes de raciocínio do ser humano, tratando das suas manifestações de forças e contraditórias é a melhor base para nos fixarmos e poderemos escapar, com a devida calma, todas aquelas manifestações que temos observado e vemosmos a desenvolver. São nos impressões modo, por vezes, determinadas nas acções praticadas por A ou B, e então o nosso esnoro é maior quando o seu autor é uma pessoa que conhecemos como sensata, ponderada, enfim, de óptimas qualidades. Sim, nós os humanos, de esquecemos que o ser humano é um ser duplo, isto é, tem tanto de miserável como de perfeito. Esta duplicidade - disse Pascal - encontra-se nas faculdades intelectuais, na sensibilidade, nas maneiras de querer. Por consequência, o homem é, por vezes, miserável, perverso, atreito ao erro, mas em outra partida é fértil em capacidade elevada. Isto é testemunhado pela maneira como algumas pessoas cultas deste campo têm procedido, negando, por vezes, o que de humano comportam as ideias que defendem.

Se o homem no seu procedimento inferior não se distingue de qualquer outro mamífero, no procedimento elevado é o único. Daqui a necessidade de persistir nos seus erros, porque ele sabe compreendê-los e de os remediar-los. Quando enquadrado no movimento social, e com algumas experiências, habitua-se a estar em guarda contra o palavreiro teórico, alheio da prática e só acreditar nas expressões verbais ou nas soluções de problemas cuidadosamente tratadas, discutidas e conduzidas na via de solução. Só com uma certa dose de desconfiança e uma parcela de dúvida, no absoluto, e ainda pela sua grande experiência, adquirida à sua custa, de testes naturais ^{na vida} aplicados na sua persistência, ^{na vida} boam a alcançar êxito nos seus empreendimentos. Merce do seu elevamento verificamos os progressos alcançados e sempre em escala ascendente, em todos os ramos da ciência. Apesar da humanidade se desenvolver e gozar dos benefícios prestados pelo ser humano, não deixa por isso de ser, de quando em quando, abalado pelos actos ferinos do mesmo ser humano. Isto prova que o ser da inferior - o animal - não deixou de existir paralelamente com as suas mais altas concepções progressivas. Os seus praxeres e as suas dores não são totalmente isentas de egoísmo. No entanto, o homem tem noções sem classes de civilidade e de moral. Ele sabe distinguir o procedimento obrigatório e correcto em sociedade, do procedimento próprio correcto, criando, para tal, leis de conduta geral. Ele sabe ser moral pelas leis que regem a moralidade. Os seus sentimentos produzem-se em dois tempos: o primeiro o da intenção e o segundo o da execução. Do primeiro ao segundo tempo há uma série de resistências e impulsos interiores, que orientam a execução do seu procedimento. Após a execução de determinado acto sente o prazer próprio da satisfação moral e a remorse. Estes praxeres não conduzem ao primeiro termo da reflexão dos actos praticados são feitos com ponderação. Esta reflexão é indispensável a todo o revolucionário fora que possa ser o momento de seu semelhante, o cercamento dos direitos de todo aquêlo

5ª Coluna

12ª U.R.S.S.



Os anos de 1936 a 1938 foram, poderemos dizer, o período do político mais crucial da U.R.S.S. desde 1927, data da liquidação formal de Stóvsky. Os grupos políticos oportunistas de direita haviam deixado de ter o aspecto de discrepâncias de orientação política do Partido Comunista Russo e da construção do socialismo para se transformarem em grupos de traidores directos e declarados à Revolução, à forma soviética do governo e à segurança interna e externa do país.

Simplificando o curso dos acontecimentos poderemos apontar, sucintamente, por datas, os julgamentos mais importantes que, por assim dizer, começam com o atentado a Kirov, dirigente do Partido na região de Leningrado e um dos mais brilhantes colaboradores de Stálin.

19 a 29 de Agosto de 1936: Julgamento de Kiroviev e Kamenin com 15 co-reus, implicados no atentado a Kirov.

23 de Janeiro de 1937: Julgamento de Radeck e de 16 membros do Partido que, dirigentes de indústria, haviam intensificado a sabotagem nos transportes, fabricação de maquinaria e indústrias químicas. Nesta altura já são claros os entendimentos de Radeck com altas personagens políticas e económicas do estrangeiro.

11 de Junho de 1937: Julgamento do marechal Tukhachevsky e dos generais Putna, Yakir, Fel'dman, Kork, Primakov e Sydman, por traição e entrega de segredos militares às potências fascistas do Oriente e do Ocidente e por colaborarem na queda do regime soviético e restauração do capitalismo. A inculpação destes chefes militares foi feita, antes de serem julgados publicamente, a uma reunião conjunta de todos os chefes das regiões militares, comandantes de divisão e oficiais delegados de unidades, num total de perto de 400 oficiais.

Putna era comandante da Região Militar de Moscovo.

que trabalha sem a menor dose de egoísmo, mas com o máximo de sacrifício pessoal. Porém, o revolucionário não é um homem excepcional e, como tal, sujeito a erros; julga-lo perfeito é um erro que nos pode conduzir à desilusão.

De tudo quanto fica dito, uma conclusão se deve tirar: é que tudo quanto de mau ou de bom o homem comporta, e manifesta através das suas ações, é humano. Tanto assim que se nos alicermos às conceções filosóficas, fundo de parte o seu lado optimista ou pessimista, não justificamos que com este material, bem a humanidade evoluiu e engrandecido só se dá para um período dos seus mais cruciais problemas, e que o homem tenha para se desenvolver, e que esta prenda pelo evolucionar de vida de geração em geração e pelas muitas condições

Luchachewsky era o Comandante geral do Exército Vermelho e chefe das mais importantes regiões militares fronteiriças e os outros tinham também cargos proeminentes na defesa e segurança da U.R.S.S. em vários serviços.

24 de Fevereiro a 2 de Março de 1938: Prisão e julgamento de Bukharine, Kiklov, Kosenkel, Ginko, Jagoda, Chumov, Zimov, Nakorovsky e outros, com a acusação de entendimentos directos com o Japão e Alemanha, para auxílio interno à agressão externa, concessões territoriais e económicas no interior da U.R.S.S. e restabelecimento do capitalismo com a ajuda daquellas potências.

Joseph Stálin, que assiste aos julgamentos, depois de desmentir a atoarda de tratamento especial aos réus com álcool-piña e outros alcaloides, por ter verificado o seu comportamento físico e mental durante as audiências, dá-nos, depois de declarada a guerra contra a U.R.S.S., uma súmula dos acontecimentos a que assistira. Nêles rectifica o autor a sua opinião de que os julgamentos não eram mais que a repercussão das lutas políticas internas do Partido e do governo.

Apesar de em Janeiro de 1936 e em 13 de Julho de 37 se terem celebrado no país sessões de agressão nazi - interna e externa - foi preciso que a grande esplanada tivesse posto completamente a nu a frente nazi interna dentro dos países agredidos, para se tornarem claros a Joseph Stálin os propósitos nazi - nichónicos em 1936-38.

Devemos a seguir um artigo do referido embaixador para se avaliar a importância e alcance político e militar dos acontecimentos que se desenvolveram na U.R.S.S. no período da política nazi de agressão interna.

"Passando por Chicago, no verão de 1941, o Club da Universidade de Wisconsin pediu-me para replicar ali uma conferência. Havia três dias que Hitler invadira a U.R.S.S. Ao terminar, alguém, na assistência, perguntou: "É a 5ª coluna na Rússia?" Cuidi sem reflectir, respondi: "Não há nenhuma; fusilaram-nos".

"Proseguindo a viagem, aquêl pensamento permaneceu no meu espírito.

Era algo extraordinário quando se pensava na última invasão nazi que com uma falção aparecesse do "trabalho interno" por detrás das linhas russas. Não havia nenhuma "agressão interna" na Rússia cooperando com o aliado Grande alemão. A marcha de Hitler em Praga, em 1939, fora realizada pelo activo apoio militar das organizações de Heimlich. O mesmo aconteceu na Chequia. Ali, na cerna Soviética, não havia Sudetas Heimlich, nem eslovacos Fijs, nem Selgas de Grelles, nem noruegueses Luislings.

"Continuando a pensar neste facto, um dia veio ao meu espírito com um possível novo significado das coisas que sucederam na U.R.S.S. quando eu ali estive. Logo que cheguei Washington apressei-me a reler o meu diário e, com especial autorização, ler corrido os meus relatórios oficiais.

Verifiquei então que nenhum de nós, na U.R.S.S. em 1937 e em 1938, pensáramos na actividade da 5ª coluna. O termo não era corrente. São comparativamente recentes na nossa linguagem os termos técnicos de nazismo, tais como "5ª coluna" e "agressão interna". É possível que pessoas sem informação das suscitadas questões podiam ser empregados por Hitler; mas não tendo que se tenha podido ser realidade. Foi somente dentro dos dois últimos anos o Comité Nacional e a F.R.G. descobriu neste país e na América do Sul, organizações e indivíduos que tinham se agitados alemães cooperando com traidores da França, Polónia, Checoslováquia e Áustria, que traíram o seu país auxiliando, no

interior, os planos de ataque de Hitler. Esta actividade e métodos existiam, aparentemente, na Russia, como uma parte do plano alemão contra os soviets, há muito tempo, em 1935.

"Foi em 1936 que Hitler fez o seu agora famoso discurso em Nuremberg, no qual ele indicava claramente os seus designios acerca da Ucrânia. Enquanto rumimava nesta situação, desferulava-se à minha vista o quadro a que havia assistido naquela época. A história tinha sido chamada os julgamentos da traição ou de purgação de 1937 e 1938. Eu havia assistido a eles. Ao rever sob este aspecto todos os meus registos e o que havia escrito naquela altura, verifico agora, que todos os actos da actividade "quinta colunista" alemã, tal como a embucação, estava descoberta e banida em felos confessos "Quislings" na U. S. S. R.

É claro que o governo soviético acreditava que estas actividades existiam; ele estava totalmente alarmado e emragou-as rigorosamente. Em 1941, quando veio a invasão alemã, eles tinham desfeito toda a 5ª colunista que havia sido organizada.

Um outro facto que era difícil compreender naquela altura, mas que agora toma um novo significado, foi a maneira como o governo soviético desfez várias agências consulares alemãs e italianas em 1937-38. Não só foi feito de um modo muito despotico, e que havia um endurecimento e um sí brutal desprezo pela sensibilidade dos países atingidos. A razão apontada pelo governo soviético era que estes consulados estavam comprometidos em actividades internas politicas e subversivas, e que por causa disto se tinham de ser fechados. A noticia dos julgamentos e das execuções (de purgações) sobre toda a Russia, naquela época, acusavam os réus, invariavelmente, de culpabilidade de traição e actividade subversiva em ajuda de uma potência estrangeira para derrubar o estado soviético.

Cada noite, após as audiências, os jornalistas americanos vinham tomar à Embaixada uma pequena ceia e ali fazia-se um resumo dos acontecimentos. Entre os jornalistas estavam Walter Duranty e Harold Ross, do "New York Times", Joe Barnes e Joe Phillips, do "N. Y. Herald Tribune", Charlie Matter ou Dick Mankel, da "A. P. Newman Donel" e Shapiro, da U. P. Jim Brown International News, Spencer Willigins, do "Manchester Guardian". Era um grupo de homens excepcionalmente brilhantes. Eu podia comparar n'elles. Eles eram de inestimavel valor para avaliar os homens, as situações e os casos ocorridos na União Soviética. Eu proprio tinha acusado e defendido inumeros acusados de crimes em muitos casos, no curso da minha vida profissional. Shapiro era tambem leigista graduado pela Faculdade de Direito de Los Angeles. O seu conhecimento da lei russa era-me muito útil. Os outros estavam muito familiarizados com as condições soviéticas, com as personalidades e psicologia russa. Nós tinhamos interessantes discussões que duravam toda a noite adiante. Todos nós dávamos naquela altura pouca atenção aqúelle facto da questão n'estes casos. Alguns de nós tinhamos fallado o verda' d'iro alcance de questões, e eu tambem. Não ha dúvida que nos concentráramos mais atenção na dramatica luta de poderes entre o interior e o exterior - entre Stalin e Trotsky - e o choque das personalidades e das politicas dentro do governo que sobre a possibilidade da actividade quinta colunista, da qual estavam os todos dispostos a diminuir a importancia.

No meu caso particular, havia dois factores que eu não tinha o meu conhecimento e que são eram conhecidos dos outros, e assim eu de ver...

operabido da verdade. Um deles ocorreu durante uma entrevista que havia tido, pouco depois da minha chegada, com um oficial do Commissariado do Ferro para os estrangeiros. O outro ocorreu em Berlim, em Janeiro de 1937, na Wilhelmstrasse, durante uma entrevista com o Subsecretário do Estado.

A história que foi desenvolvida nestes julgamentos descobriu um requito de actividades "quinta comunista" e subversivas na Rússia sob a concessão e consideração dos governos alemão e japonês. O êxito dos factos descobertos é o seguinte:

Os principais têm entretanto uma conspiração entre si próprios e um acordo com o Japão e a Alemanha para ajudar esses governos num ataque militar contra a U.R.S.S. Eles acordaram-se cooperar em planos para assassinar Stáline e Molotov e projectaram um levantamento militar contra o Kremlin, que devia ser conduzido pelo marechal Tukhachevsky, o segundo comandante geral do Exército Vermelho. Para a preparação da guerra, eles acordaram e planejaram uma sabotagem directa nas indústrias, incluindo de fabricas de productos quimicos, a distribuição de minas de carvão e dos trilhos de transporte e outras actividades subversivas. Eles combinaram realizar, e realizaram, todas as coisas que o Estado Maior alemão exigia que fossem feitas de acordo com as instruções que eles haviam recebido de tal Estado. Eles combinaram conspirar e conspiraram e cooperaram, com os serviços secretos militares alemães e japoneses. Eles concordaram em cooperar, e cooperaram, com representantes do Exército alemão, em ligação com a espionagem e sabotagem. Eles transmittiram, de comum accordo, à Alemanha e ao Japão informações vitais para a defesa da U.R.S.S. Eles acordaram, entre eles e com a Alemanha e Japão, em cooperar com eles durante a guerra contra a U.R.S.S. e formar um governo sovietico mais pequeno que entregaria porções da União - a Ucrânia e a Rússia Branca, a Ocidente, à Alemanha, e as províncias orientais, a oriente, ao Japão.

Eles acordaram em concessões e favores, depois da conquista alemã da U.R.S.S., a serem dadas a firmas alemãs, em ligação com o desenvolvimento do ferro, ouro, manganês, petróleo, carvão, madeiras e outras grandes recursos da União Soviética.

Para apreciar completamente o caracter e significado destas declarações que eu propriis ouvi, devemos que nos recordar que os factos desta conspiração eram declarados por dois membros de primeira ordem do governo, o Comissario das Finanças e o de Comercio Exterior, por um antigo presidente do Conselho de uma das republicas, por dois embaixadores que serviram em Londres, Paris e Japão, por um antigo subsecretário de estado e pelo actual Secretário de Estado do Externo, como pelos seus mais importantes publicistas e editores dos dois principais jornais da U.R.S.S.

Para apreciar o seu significado, era como se o Subsecretário das Finanças, Morgenthau, Secretário de Comercio, Jones, o Subsec. de Estado, Welles, Embaixador Noel Little Kennedy e o Secy de Res. Externo, Caryl Chessler, confessassem conspirar com a Alemanha para cooperar numa invasão dos Estados Unidos...

Aqui estão algumas passagens de declarações no julgamento:

Molinsky, Subsecretário de Estado, disse: - "Não chegamos a acordo com o general Gecchit e Hess para ajudar a Reichswahr a criar um número de bases de estabecimento no territorio da U.R.S.S. Em contrabando, a Reichswahr comprava bases a pagar de 250.000 marcos alemães, como subídio?..

...o Comissario de Forças das Finanças, disse: - "Eu conhecia e eu negociava com pessoas, quer na organização ucraniana quer no Exército

Demélio, que estavam preparando a abertura da fronteira ao inimigo. Eu operava particularmente na harmonia, quero dizer, nas principais portas que a Alemanha está preparando o ataque à U.R.S.S.?

Rosenfeld, Comissário para o Comércio Exterior, disse: - "Eu entreguei várias informações secretas ao Comandante em Chefe da Reichswehr... Por consequência, relações directas foram estabelecidas pelo Embaixador alemão na U.R.S.S., a quem periodicamente dei informações de um carácter de espionagem!"

Skobnikov, antigo embaixador na França e na Grã-Bretanha, afirmou: "O Japão, no caso de tomar parte na guerra, receberia concessões territoriais no Extremo Oriente, na região do Rio Amur e as províncias marítimas; quanto à Alemanha, era contemplada com a satisfação dos seus interesses nacionais da Ucrânia".

As declarações de muitos dos réus de menor importância iram estabelecer o facto que, aos ordens dos principais réus, eles tinham tido relações com os serviços secretos alemães e japoneses e, ou colaboraram com eles na espionagem e sabotagem sistemática ou cometeram, induziram ou ajudaram a realização de inúmeros crimes.

Por exemplo: Rataichak afirmou que tinha realizado e era responsável por duas explosões nas fábricas de fertilizador entrogénico Zorkovka que causou enormes prejuízos, como perdas humanas;

Tuskon contribuiu ou assumiu a responsabilidade pelo desastre das fábricas químicas do centro químico de Tokunonski e da fábrica Musky.

Knyazev disse como tinha planeado e executado o descarrilamento de comboios de tropas, com grande perda de vidas, sob a expressa direcção e instrução dos serviços secretos estrangeiros. Ele também declarou como tinha recebido instruções dos serviços secretos para organizar incêndios em armazéns, cantinas e desembarques militares e a necessidade de usar meios bacteriológicos em tempo de guerra, com o objectivo de contaminar comboios de tropas, cantinas e campos (de exercício, com bacilos virulentos).

As declarações nestes casos envolvia e incriminava o general Tuckchewsky e muitos dos principais chefes do Exército e da Armada. Pouco depois do julgamento de Madok, estes homens foram presos. Eles eram acusados de espionagem num ataque e cooperarem com o Alto Comando Alemão, sob a direcção de Tuckchewsky, num ataque à U.R.S.S. Numerosas actividades subversivas foram descobertas pelas declarações. Muitos dos mais altos oficiais do Exército, de harmonia com as declarações, estavam corrompidos ou tinham sido instigados a entrar na conspiração.

De acordo com as declarações, uma cooperação completa havia de se estabelecer em cada ramo de serviço, que por revolucionário político, grupo militar, com os Altos Comandos Japoneses e Alemães.

Tal era a história que foi transmitida a estes julgamentos quanto ao que aconteceu posteriormente. Não pode haver dúvidas que as autoridades do Kremlin estiveram muito alarmadas pelas descobertas e confissões desses culpados. A velocidade com que o governo agiu e a sua completa acção indicam que eles acreditavam nas suas declarações. Eles agiram na linha da casa com a maior das urgências e precisão. Trochilov, Comandante em Chefe do Exército, disse:

"É mais fácil a um ladrão assaltar uma casa quando ele tem cúmplices para o deixar entrar. Não acreditamos nos seus cúmplices?"

O general Tuckchewsky não foi a excepção do rei como na sua vida planeado. Foi-lhe destinado o comando do exército do distrito do Volga, em



Notas e Comentários do mês



Não mentirás...

"A Hungria está sob a pata da União Soviética! Operários submetidos ao terrorismo da polícia, à tortura do Partido Comunista!..." Tais foram as declarações do primar da Hungria, que a rádio difundiu pela orbe, como um S.O.S. aflitivo, desesperado, de um navio que vai descer às profundidades horrendas do mar...

Mas as corações não chegaram a sangrar. Os partidos políticos, típidos representantes do povo húngaro, tranqüilizaram os esfiçados, explicando a situação.

Restá-nos agora saber o que levou um tão alto dignatário da Igreja a falar assim. Seria vítima de uma alucinação? Seria vítima das tentações do demónio? O diabo comprax-se às vezes a ferrar partidos...

Se assim foi, nós, com um bocadinho da boa vontade, com esse espírito tolerante que nos faz ver inimigos das fogueiras, ferdoaríamos a involuntária diátribe. Mas se Sua Excelência agiu preconcibida e proselitadamente, então teremos de concluir que mentiu.

Neste caso, não lhe podemos valer. O seu pecado está dependente do alto juízo de Deus, à mercê da sua cólera ou da sua benevolência. Só um facto de verdadeira contrição poderá, talvez, salvar-lhe a alma. Quanto à salvação do corpo, esse está dependente do povo.... Uma vez que reconsidere no que disse, e compreenda que a Hungria só ressurgirá das ruínas pelo apoio da U. Soviética e do auxílio do Ocidente democrático - e não da vontade de Deus - decerto não terá dificuldade de reabilitar-se... Entregue-se ao trabalho, porque só ele pode tornar férteis

na altura em que ele se opunha para o seu povo, foi removido e preso no comboio que o conduzia. Dentro de poucas semanas, a 11 de Junho, ele, com 11 outros oficiais do Alto Comando foram fuzilados de harmonia com o julgamento do Tribunal marcial, cujos relatórios não foram tornados públicos. Todos esses julgamentos, depurações e liquidações, que pareciam ser tão violentas na altura e que comoveram o mundo, estão agora completamente explicados pelo vigoroso e determinado espírito de governo de Stáline em se proteger, não só frente de uma revolução interna, mas também do ataque do exterior. Eles depuraram o país completamente, quer dos traidores internos quer externos. Agora todos os oficiais foram restituídos em favor do governo.

Em 1941 não havia quinta colunistas na Rússia - tinham-no fuzilado. A depuração tinha limpado a liberdade o país do traizão?.

estas plomícias, agora estereis, inferias de metralha, desertas de gados; agarrar-se á enxada e, ao lado do furo, erga-se com êle, e não queira enca- balitar-se-lhe no dorso, e verá como esta atitude lhe grandeará simpá- tias e respeito.

Os restos são larachas... e larachas perigosas, sr. primário, porque vão contra os interesses do furo e contra a moral de Deus.

La dix o VI mandamento: Não menteis!

Uf!...

Há pouco tempo vimos nos livros finalmente do doutor "Frai- heira", esse homem que sendo médico e competente deixara friamente os presos sofrerem e morrerem á mingua de tratamento adequado e a tempo.

Comprova a sua missão - a missão de que o encarregara em Sarrafal o fascismo português.

Agora vemos nos livros finalmente do doutor Manuel dos Reis - "Sapateiro" - conspícuo tambedor de viola, que sendo médico e incompetente nos complicara a vida com as suas experiências, as suas dúbias reconvoltas de opinião a propósito da excelência ou da má virtude de tal ou tal medicamento, de tal ou tal tratamento.

Até ao fim, porém, da sua estadia aqui, ha-de ser amu- mo que sempre, conhecemos ora sobracando a viola e discretando do douctamente sobre notas musicais - quem te manda a ti sapateiro... ora espichando opiniões estúltas, ora fazendo-se pessoa importante e entendida, sempre aos saltinhos do alto das suas tairocas ou pa- tambeando aos raios ardentes do sol africano o seu tronco pelado na ma- ha de obter vitamina D...

A última (?) patacoada do doutor Sapateiro foi oferecer-se ao Dr. Pedro de Ornelas para organizar um ficheiro médico dos 54 presos que ficam ainda no Campo, para facilitar a este a sua tarefa futura, dado que depois lá não terá a sua "procursa" colaboração, claro.

E o Dr. Ornelas, que é sumramente delicado, respondeu - he - que havia êle de responder a um colega tão amável? - que seria bom que êle fizesse isso e que lhe agradecia.

E vá o homem de Chabrar ora um ora outro preso a quem vai dizendo, á laia de entrieto: - "O Dr. Ornelas pediu-me para lhe organizar um ficheiro dos doentes que ainda ficam e por isso o mandei vir aqui".

Claro, isto tudo para que não vá algum camarada voltar- lhe as costas deixando-o de cometa emruide e a aconchegar as lunetas no cavalete do seu douto nariz, por não estar disposto a aturar- lo ainda uma vez...

Enfim, a desfarçatez, é um traço peculiar do conspícuo personagem.

Mais um...

Quivimos pela sédio uma vez de...
o Petúlio Vargas Na a caminho de cá... Todos os países...
L. Pela outra parte, conferimmo, não nos agrada essa...
L. Pela outra parte, conferimmo, não nos agrada essa...



mas de tal emergência deve ser o seu lugar assegurado em Vila das Cobras, conheça aquilo que tantos milhares de cidadãos sofrem por ordem sua. Era ali que ele devia meditar na monstruosidade consentida e expiar crimes praticados a sangue-frio, durante os doze anos da sua ditadura fascista, que algo fez por esse povo amante da liberdade. Ele para o exílio significa estar em liberdade, gerar tranqüilamente a fortuna ameaçada no Poder, e quem sabe se tecer de longe a intriga, punir os delinquentes da conspiração que os bandos fascistas desconfiados eurdem sob as vistas complacentes das democracias burguesas.

O povo Brasileiro ainda não teve forças para impor a sua vontade. Mas um dia virá que, da margem do Espiranga, de novo soltará o grito de revolta e de emancipação.

Solidariedade fascista.

Kammerheim vem a caminho de Portugal, restabelecer-se... Não há dúvidas de que no fardim a beira mar "Montado" está transformado numa espécie de viveiro de parasitas. Nêle se aminharão os conspiradores espanhóis; ali se refugiaram, depois, os jesuítas fugidos à justiça popular espanhola; os fascistas franceses, os alemães, Salazar, etc. etc. Salazar presta-lhes homenagem, dá-lhes guarda e solidariedade, enquanto as prisões guardam os anti-fascistas e por eles vela religiosamente...

Tem aí Kammerheim, o marechal fascista que em 1920 trucidou milhares de camaradas nossos, que em 29 março marchou com as democracias do Ocidente, tenta dar o assalto à pátria dos trabalhadores, e depois, de traco dado com Hitler, abre as portas do seu país à Wehrmacht, na louca esperança de exterminar o comunismo... Derrotado, enboca, não de Sarninha. A imprensa dá nota de uma conspiração na Simlândia, na qual estavam envolvidos oficiais do Estado-Maior. É impossível que esse facinoroso não tivesse "raça na abbadura". É certamente por isso que vem agora acolher-se em Portugal, sob as asas protectoras do sócio Salazar...

Anti-fascista: Atenção, ele aí vem!

Estadística curiosa.

A propósito da passagem do 2º aniversário do nosso Reduto, apresentamos aos nossos leitores a seguinte estatística:

Os 24 números publicados contêm, aproximadamente, 240 artigos, com 1056 páginas, 45.408 linhas, 454.100 palavras e aproximadamente 2 milhões e meio de letras e sinais ortográficos.

Esta estatística mostra-nos o esforço e a boa vontade de todos os camaradas que têm prestado a sua colaboração à nossa revista que, com o presente número, atinge a 24º mês de publicação.

Diquil saúdam todos os seus colaboradores.